Vanessa Virgínia Arlandis da Mota

Os Atentados do 11 de Março em Madrid
Análise de dois jornais espanhóis sobre a imparcialidade na informação

Universidade Fernando Pessoa

Porto

2007/2008

Vanessa Virgínia Arlandis da Mota

Os Atentados do 11 de Março em Madrid
Análise de dois jornais espanhóis sobre a imparcialidade na informação

Universidade Fernando Pessoa

Porto

2007/2008

Vanessa Virgínia Arlandis da Mota

Os Atentados do 11 de Março em Madrid

Análise de dois jornais espanhóis sobre a imparcialidade na informação

Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de licenciada em Ciências da Comunicação – Jornalismo

Sumário

O incidente dos atentados do 11 de Março de 2004 nas eleições que se celebrariam três dias depois em Espanha foi objecto de todo o tipo de especulações. À medida que as horas iam passando a opinião pública sentia-se cada vez mais traída e enganada pelos seus dirigentes políticos, assim sendo, esta opinião pública ressentida iria mudar o seu voto e consequentemente castigar o Partido Popular, permitindo desse modo que o Partido Socialista Obreiro Espanhol acedesse ao Palácio da Moncloa. Esta monografia comprovará até que ponto os jornais analisados favoreceram ou prejudicaram determinado partido político espanhol.

Esta monografia foi efectuada sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge Pinto

Dedicado aos meus pais,

Semper fidelis

A ele,

Omnia uincit amor

A todas as vítimas do terrorismo,

Homo homini lupus

Índice

ÍNDICE DE FIGURAS.....9

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO I – JORNALISMO POLÍTICO.....12

1.1 Conceito de Jornalismo Político.....12

1.2 Manipulação da Informação.....15

CAPÍTULO II – MEDIA E POLÍTICA.....18

2.1 Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas.....18

2.2 O Acontecimento Mediatizado e o Pseudo-evento.....21

CAPÍTULO III – MEDIA E TERRORISMO.....26

3.1 Referência a Daniel Dayan.....26

3.2 Terrorismo e Comportamento Mediático.....28

CAPÍTULO IV – OS ATENTADOS DO 11 DE MARÇO EM MADRID.....34

4.1 A Viragem Espanhola.....34

CAPÍTULO V – ANÁLISE DOS JORNAIS EL PAIS E EL MUNDO DOS DIAS 11 A 14 DE MARÇO DE 2004.....46

5.1 Metodologia.....46

5.2 Jornal El Pais.....52

5.3 Jornal El Mundo.....**54**

5.4 Descrição dos Resultados.....**56**

5.5 Discussão dos Resultados.....**66**

CONCLUSÃO.....**70**

BIBLIOGRAFIA.....**71**

WEBLIOGRAFIA.....**72**

APÊNDICE.....**76**

ANEXOS.....**105**

Índice de Figuras

FIGURA 1. EXEMPLO DAS POSSÍVEIS LINHAS DE ORIENTAÇÃO PARA A SELECÇÃO DE NOTÍCIAS……..... .....**19**

FIGURA 2. PRIMEIRA EDIÇÃO DO EL PAIS……..... **46**

FIGURA 3. UM EXEMPLAR DO EL MUNDO…… ...**49**

Introdução

O incidente dos atentados do 11 de Março de 2004 nas eleições que se celebrariam três dias depois em Espanha foi objecto de todo o tipo de especulações.

À medida que as horas iam passando a opinião pública sentia-se cada vez mais traída e enganada pelos seus dirigentes políticos, assim sendo, esta opinião pública ressentida iria mudar o seu voto e consequentemente castigar o Partido Popular, permitindo desse modo que o Partido Socialista Operário Espanhol acedesse ao Palácio da Moncloa.

Mas até que ponto os meios de comunicação contribuíram para essa mudança nas urnas? Com este estudo, pretende-se verificar a influência de dois jornais espanhóis com linhas editoriais diferentes na cobertura informativa. Até que ponto estes seguem as suas convicções e preferências e como é que isso vai reflectir na sociedade espanhola?

O objectivo do trabalho remete então para um estudo aprofundado do cenário dos atentados e toda a sua conjuntura assim como para as repercussões dos meios de comunicação, tantos os convencionais como os novos media, como a Internet ou, no caso dos atentados do 11 de Março, a divulgação de SMS por telemóvel.

Os quatro dias que mudaram Espanha serão recordados por todos aqueles que o vivenciaram e as futuras gerações terão o conhecimento do que a actual fez. De como reagiu perante tão inesperada agressão, tão inumana, cheia de enredos e coincidências. Os espanhóis responderam à provocação dos terroristas exercendo o seu direito ao voto e foi o voto a arma deles.

O que me fez apostar e confiar até à sua concessão neste tema foi porque acredito que o que aconteceu nesses quatro dias em Espanha será digno de um dia ser estudado nas escolas de jornalismo como exemplo de viragem eleitoral causado por manipulação e intoxicação de informação.

De forma a incrementar estes conhecimentos dividi o trabalho em cinco capítulos, sendo que o primeiro está dedicado ao Jornalismo Político (conceito, a importância do jornalismo especializado, à manipulação da informação e ao conceito de agenda-setting), o segundo incide em Media e Politica (os efeitos cognitivos da comunicação de massas, a influencia dos media na sociedade, o acontecimento mediatizado e pseudo-evento assim como definir o que é noticia). O terceiro reserva-se para Media e Terrorismo (conceito de terrorismo, comportamento mediático e referencia a Daniel Dayan), o quarto capítulo aborda a contextualização dos atentados do 11 de Março em Madrid. No último capítulo expõe-se o caso prático deste trabalho, uma breve biografia de cada jornal a ser analisado, ou seja, El Pais e El Mundo e as conclusões deste estudo.

Capítulo I – **Jornalismo Político**

1.1 Conceito de Jornalismo Político

A quantidade de informação disponível nos dias de hoje leva a modificações na produção informativa: tanto no que se refere a avanços tecnológicos como à modificação na relação do público com essa estrutura da informação o que, consequentemente, leva a uma transformação da metodologia do profissional do jornalismo.

De acordo com Ciro Marcondes Filho, (cit in Ana Araújo Abiahy, 2000, p.10), a própria narrativa jornalística, quando procura abarcar o todo, tenta nivelar o receptor a ponto de limitar a compreensão. A busca pela especialização representa uma tentativa de aprofundar o conhecimento e, ao mesmo tempo, valorizar o entendimento, por parte dos leitores e receptores do conteúdo informativo.

Ou seja, a informação tende a ser direccionada a públicos específicos. Como aponta Ana Abiahy, 2000 p.3 "Apoiar-se no imaginário da cultura de massas para atingir todos os públicos já não é mais tão eficiente, porque está cada vez mais difícil definir um consumidor padrão."

Surgiu, assim, a necessidade crescente de se utilizar linguagens e temáticas apropriadas às especificidades de cada público. A própria visão do mundo dos públicos diferenciados encontra, no jornalismo especializado, a oportunidade de ser evidenciada. O jornalismo especializado é uma resposta a essa demanda por informações direccionadas que caracteriza a formação das audiências específicas.

Quesada Pérez (1998, p.23) define o jornalismo especializado como "resultado da aplicação minuciosa da metodologia jornalística de investigação nas variadíssimas áreas temáticas que conformam a realidade social, condicionada sempre através dos meios de comunicação que se utilizam como canais, para darem resposta aos interesses e necessidades das novas audiências sectoriais." A partir dessa perspectiva há necessidade de formação e especialização.

A especialização deu origem a vários tipos de jornalismo, como é o caso do jornalismo político.

Para os pensadores gregos o homem é um ser político, por sua vez, a comunicação é algo inerente ao ser humano, daí a sua extrema ligação – política e comunicação.

A comunicação faz parte da política e a política faz-se comunicando. Dader (1983, p.10) refere uma dependência mútua entre a política e a comunicação, ambos têm como finalidade a "interacção dos sujeitos sociais dentro de um projecto comum de convívio e diálogo social."

Chazel (1972, p.64) concorda com esta opinião de vinculação "uma interacção forte ou débil do sistema político depende da rede de comunicações que se carrega em transmitir a informação política."

Dader (1983, 10) explica que "se a comunicação e a informação estão vinculados na essência da política democrática, a análise dos sistemas de comunicação e tipos de informação destacados numa sociedade reverte constantemente como factor causal ou como reflexo fáctico na realidade politica dessa sociedade."

Assim, o conteúdo informativo da secção jornalística especializada em política é amplo e diversificado já que deve abarcar toda a azáfama política nacional nas suas diversas manifestações. Voltando a Pérez (1998,p.59) este tipo de secção agrupa informação política e, em ocasiões, também a informação económica que se produz dentro e fora das fronteiras do país onde a elaboração do jornal pertence.

Por outro lado, esta secção também contempla os temas resultantes das actuações políticas dos governos nas suas relações com outros países estrangeiros, assim como informações divulgadas pelas fontes oficiais através dos diferentes organismos de difusão, através dos partidos políticos (como é o caso de eleições e as suas campanhas assim como toda a dinâmica) e funcionamento envolvente dos organismos políticos e por último às actividades de diversas entidades e organizações mundiais.

A especialização em jornalismo político requer menos um saber técnico, (como por exemplo o jornalismo especializado em economia), e mais um saber plural, que envolve, obrigatoriamente, conhecer a história do país. "Jornalista que cobre política, que necessita produzir ou editar notícias todos os dias sobre este tema para seu veículo de comunicação não pode desconhecer a história do país – da mais remota a actual – e a do mundo, pelo menos a contemporânea", referem Seabra e Sousa (2006, p.111)

Em suma, os meios de comunicação transmitem aos poderes políticos as necessidades sociais ao mesmo tempo que comunicam aos cidadãos as decisões dos governantes e dos governados. Neste feedback, "a comunicação política assegura a adequação entre os governantes e os governados, mediante um intercâmbio da informação" (Jean Marie Cotteret, 1977, p.4).

Assim sendo, toda a informação política deve "reflectir as atitudes e valores das elites, dos grupos organizados e dos sujeitos individuais, para que uns e outros estejam em condições de participar mais eficazmente na vida política" (Dader, 1983, p.11).

No entanto, poderão existir disfunções nesta área informativa, como é o caso da mediatização. A divulgação pela imprensa do que acontece entre governantes e governados pode derivar, em determinadas ocasiões, numa mediatização já que, segundo manifesta Gomis Lorenzo (1974, p.245), "ao mediar politicamente, o jornal actua sobre o sistema político" e, por isso, pode influir sobre ele.

Na realidade, pode haver algum dirigismo dos meios de comunicação nas esferas do poder político e económico. Este fenómeno é produzido, especialmente, nos sistemas de monopólio estatal dos meios de comunicação, com maior visibilidade no meio televisivo, como foi o caso da TVE na informação divulgada acerca dos atentados do 11 de Março, aparentemente derivado de um controlo estatal da informação política e da imposição do segredo oficial para determinados temas.

1.2 Manipulação da Informação

Os meios de comunicação social constituem um pilar fundamental de qualquer sociedade democrática enquanto veículos de difusão de ideias, crenças e convicções capazes de ampliar a capacidade de penetração, difusão e propaganda dessas. Este facto enaltece a relação directa dos meios de comunicação com a formação de a opinião pública. Por isso denomina-se aos meios de comunicação como o 'quarto poder' e como consequência de qualquer poder, capaz de manipular segundo os 'seus interesses'.

Com a concentração da propriedade dos media em grupos económicos, a informação passa a ser determinada pelo mercado, onde as notícias são vistas pelos seus produtores, não como um bem público, mas como mercadoria produzida mais para atrair e proporcionar uma audiência aos anunciantes do que para informar o público. "(…) se a imprensa for economicamente estável, é mais provável que seja politicamente independente. Se for deficitária em termos económicos, torna-se mais vulnerável ou dependente em relação ao Governo" (Patterson, 2002, p.36), no entanto, na maioria das vezes existe controle por parte dos meios de comunicação "pertencentes" ao Governo.

Segundo Breton (2001, p.23), conforme os valores da época em que nos encontramos os meios utilizados para convencerem diferem, por exemplo, associa-se ao regime totalitário à noção de manipulação e, como consequência, ao regime democrático a noção de liberdade de opinião.

> "A relação da democracia com a ausência "natural" de manipulação, relaciona-se com a crença de neste regime o Homem moderno ser, hoje em dia, livre. Esta sua liberdade seria possível porque ele está "informado" e porque os meios de comunicação social, igualmente "livres", tornam a sociedade "transparente" (…) a forma mais evidente de manipulação é fazer acreditar à sociedade que é livre" (Breton, 2001, p.23).

A manipulação parte de uma estratégia, que tem de ser invisível para não se auto denunciar, caso contrário indicaria a existência de manipulação, para dispor ao seu auditório a menor liberdade possível para este discutir ou resistir ao que lhe é proposto.

Breton (2001,p.30) explica que "A manipulação consiste em entrar, como por arrombamento, no espírito de alguém para nele implantar uma opinião ou suscitar um comportamento sem que a vítima se aperceba da invasão. Tudo está nesse gesto que oculta o seu carácter manipulador. É nisso que reside a sua violência essencial."

Outra forma de manipular consiste na desinformação. Por desinformação entenda-se "toda a informação incorrecta ou truncada, voluntariamente para ocultar os factos", (Breton, 2001, p.71). De facto, esta técnica de manipulação consiste em pegar numa informação falsa e mascara-la de informação verdadeira e credível. Pretende-se, propositadamente, enganar o receptor, fazer com que este tome por válido uma certa descrição da realidade fazendo-a passar por informação segura e verificada.

> "Todos os dias, em inúmeras televisões do mundo, os jornalistas optam por inventar. Ou pior ainda, por dizer verdades incompletas ou meias verdades. E uma meia verdade é a pior das mentiras em informação. Induz convictamente em erro, pois que a parte da mentira ganha crédito apoiando-se na parte da verdade. É a técnica preferida pelos peritos da manipulação e propaganda." Barata-Feyo cit in Alain Woodrow (1996)

Portanto, os media podem funcionar como agente modificador da realidade social, apontando para o público receptor sobre o que se deve estar informado. Esta construção demonstra o poder que os meios de comunicação exercem sobre a opinião pública, a sociedade.

Assim sendo, e na medida em que a estrutura produtiva dos media interfere na esfera pública indicando às pessoas não "como pensar", mas "sobre o que pensar", (McCombs e Shaw, 1972 In: Traquina, 2000, p.49) surge o agenda-setting.

Conforme Sousa (2000, p.164), "A teoria do agenda-setting é uma teoria que procura explicar um certo tipo de efeitos cumulativos a curto prazo que resultam da abordagem de assuntos concretos por parte da comunicação social."

> "Processo através do qual os media seleccionam os acontecimentos susceptíveis de tratamento noticioso, determinam a interpretação dos

> acontecimentos e influenciam quer a opinião pública quer as decisões políticas, ao converter em acontecimentos mediáticos determinadas questões e determinados factos, e ao apresentarem determinados enquadramentos de tais questões e factos." Clara Ferrão Tavares, (2005, p.5)

Este tipo de efeito social dos media que compreende a selecção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá foi formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970.

Agenda-setting é portanto uma noção hereditária da sociologia dos media. Ela denota o poder próprio aos meios de comunicação social de determinarem aquilo que suscitará debate, de seleccionar os eventos e os sujeitos que possam interessar ao público (ou aos decisores). Segundo Rieffel (2003, p.30-31) "Os media, através da selecção de informações, desviam a atenção do publico para determinados temas em detrimento de outros."

Os meios de comunicação, ao descreverem um determinado acontecimento, estão a dar a esse mesmo acontecimento uma ênfase maior, um destaque, e "quanto maior for a ênfase dos media sobre um tema, maior será o incremento da importância que os membros de uma audiência atribuem a estes temas enquanto orientadores da atenção pública" (Saperas, 1993, p.55-56).

Já Sousa (2000, p.170) comenta que "o agenda-setting dependeria principalmente da "necessidade de orientação", isto é, da necessidade que uma pessoa teria de obter informações sobre um assunto, o que a motivaria para o consumo dessas informações. Ao exporem-se mais à comunicação social, estas pessoas seriam mais sujeitas aos efeitos de agenda-setting."

Em jeito de síntese, a teoria do agenda-setting, permite que os meios de comunicação elejam os temas de informação, assim como a sua importância, ordem e transmissão. Os meios de comunicação elaboram com antecedência a sua agenda de trabalho sobre a informação que vão difundir, determinam a importância dos factos do país e do mundo e estipulam-lhes uma ordem planejada e pensada racionalmente com o objectivo de reunir um maior número de audiências, um maior impacto e uma determinada consciência sobre determinado tema, ao mesmo tempo que decidem como evitar a referência a determinada informação.

Capítulo II – **Media e Política**

2.1 Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas

Como conclui Porto (2003,p.4) a teoria do agendamento "originou uma nova onda de estudos que contribuiu para ampliar a pesquisa sobre os efeitos da mídia."

Se até então o estudo acerca dos efeitos da comunicação de massa concentrava as suas atenções sobre as mensagens dos media e seu efeito sobre os indivíduos, a nova pesquisa enfatizou o processo de selecção, produção e divulgação das informações através dos media.

Nesta dialéctica dos estudos de recepção obteve-se uma migração dos efeitos específicos, de processos de persuasão directos e de mudanças comportamentais durante os períodos curtos das campanhas, aos efeitos difusos, indirectos e a longo prazo. Saperas explica acerca destes dois paradigmas:

> "Se a análise dos efeitos relativos às atitudes e às condutas se fundamentava no interesse pelo estudo dos processos de persuasão e da personalidade, assim como das instâncias mediadoras entre comunicador e audiência, enquanto factores determinantes da susceptibilidade à persuasão, actualmente, a análise dos efeitos cognitivos situa-se num âmbito que escapa à pressão do mercado, no sentido de se encontrar ligado às necessidades de comercialização; mas, inversamente, retomou o interesse que investigadores como Robert Ezra Park, Walter Lippmann ou Harold D. Lasswell manifestaram pela relação existente entre os meios de comunicação de massas e o sistema político." Saperas (1993, p.22-23)

E portanto a partir daí segundo Chaffee (cit. In Saperas, 1993, p.33-34) os meios de comunicação, acabaram por formar um verdadeiro sistema parapolítico que desenvolve uma forte influência sobre o sistema político através da sua actividade pública de carácter cognitivo.

Os efeitos cognitivos da comunicação de massa são o conjunto das consequências que, sobre os conhecimentos públicos partilhados por uma comunidade, "condicionam o modo como os indivíduos percebem e organizam o seu meio mais imediato, o seu conhecimento sobre o mundo e a orientação da sua atenção para determinados temas, assim como a sua capacidade de discriminação relativa aos conteúdos da comunicação de massas" Saperas (1993, p. 20). Os efeitos cognitivos enfocam-se no indivíduo na medida em que as respostas dos indivíduos dependem dos estímulos que recebem, ou seja, o comportamento vai depender dos processos mentais do indivíduo que recebe os estímulos. É uma manifestação do comportamento das pessoas cujo processo é originado pela actividade bio-neuronal.

Elisabeth Noelle-Neumann citada por Jésus Espino (2005)[1]afirma que os media têm um poderoso efeito porque publicam as opiniões que consideram importantes e mostram ao público quais delas estes devem usar para não se sentirem rejeitados.

Para Jorge Pedro Sousa (1999)[2] "…as pessoas necessitariam de consumir as informações veiculadas pelos órgãos de comunicação, que, por sua vez, exerceriam sobre elas uma influência forte e directa, a curto ou longo prazo, provocando mudanças de opinião e de atitude".

Noelle-Neumann cit in Sousa (2003, p.157) diz que, existe três condicionantes para que os meios de comunicação possam ser denominados agentes activos na formação da opinião pública.

O primeiro é a Acumulação, ou seja, a sucessiva exposição do assunto nos meios de comunicação. O segundo é a Consonância, que diz respeito a similaridade das informações e formas de difusão entre os diversos veículos de comunicação. O terceiro é a Ubiquidade que pretende traduzir o carácter do público das opiniões expressas nos meios de comunicação, que dariam conta das ideias dominantes.

Merril citado por Jesús Espino (2005) refere que os meios de comunicação social narcotizam o público vendendo uma sociedade que está longe da realidade. Estes também criam

[1] Vêr em http://www.jesusespino.com/docencia/tema%205%20influencia.pdf
[2] Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html

estereótipos que catalogam de uma forma superficial (por exemplo, é muçulmano é terrorista) mantendo, por outro lado, as pessoas em contacto com valores e normas sociais: têm um valor unificador (por exemplo, nos atentados do 11 de Março, Espanha assistiu ao maior acto de solidariedade). Os meios de comunicação são, assim, um mecanismo de controlo para nos manter em contacto com a principal corrente de opinião.

Recorrendo de novo a Jesús Espino (2005), as notícias relacionam-se mais com a constatação de factos do que com a sua interpretação. No entanto, não é possível fazer constatação pura dos factos. A mesma declaração de que algo é um facto e depois uma notícia já implica uma interpretação subjectiva do primeiro espectador, que é o jornalista, nem a imagem da televisão nem o som em directo proporcionam a realidade tal qual como ela é.

A desconfiança da população perante os meios de difusão faz com que muitas vezes surjam versões diferentes ou que esta seja capaz de sintonizar emissoras estrangeiras para conhecerem realmente o que acontece no país, Espanha ficou a saber que foi a Al Qaeda o autor dos atentados através da BBC.

Os indivíduos e os grupos sociais necessitam de grande quantidade de informação para reconhecerem o meio envolvente e se adaptarem às mudanças e tomadas de decisão. Os media actuam como instituições mediadoras entre a população e as instituições responsáveis pelos processos de decisão pública. O estudo dos efeitos cognitivos recentrou o conceito de opinião pública e os vínculos estabelecidos entre o sistema político e os media. Como afirma Saperas (1993, p.35) "A definição de opinião publica depende actualmente do estudo dos efeitos cognitivos no sentido em que os media determinam a orientação da atenção publica através da sua influência directa na construção do ambiente social."

Trata-se, pois, da superação dos efeitos directos dos media nas atitudes e opiniões da audiência e do reconhecimento dos efeitos indirectos e cumulativos que incidem nos conhecimentos tidos por uma comunidade sobre o seu meio envolvente.

2.2 O Acontecimento Mediatizado e o Pseudo-evento

Consoante Fontcuberta (1999, pag.113), "estamos numa sociedade em que o conhecimento é mediatizado pelos meios de comunicação social e é crescente a nossa dependência desses meios para ter uma determinada percepção do mundo. A informação é uma condição básica para uma sociedade livre. Um indivíduo desinformado é incapaz de tomar decisões adequadas nas várias esferas da sua vida."

Já Verón cit in Dixon (2002, pag.125), no que diz respeito a essa "percepção" que Fontcuberta nos fala, opina que a realidade é inseparável do imaginário visto que o discurso informativo dos meios de comunicação está repleto de imaginário. Para o autor, não existe maneira de se saber o que corresponde à realidade e por isso separar estas duas dimensões, a realidade do imaginário, é algo impossível.

Assim sendo, A realidade dos indivíduos é a construção inventada que ele próprio faz do mundo e portanto "toda verdade é uma realidade interpretada" (Kovack e Rosenstiel cit in Moreira 2004, pag.15).

A essa realidade interpretada pela sociedade através dos media, Zengotita (2006, pag.23) refere que "o objectivo é estabelecer contacto com os sentimentos. E isso é um processo reflexivo que transforma o imediato no mediatizado. Por intermédio desse processo, aprendemos a sentir os nossos sentimentos e a exprimi-los, o que significa representá-los." A nossa realidade está então concebida por imagens icónicas que obtemos através dos meios de comunicação e que nos aportam significados concebidos.

De acordo com Eliseo Verón (cit in Dixon 2002, pag.125), "Os meios trabalham a partir de conteúdos culturais que circulam e evoluem no seio da sociedade (e ao trabalhá-los os transformam), e a sociedade retoma e transforma o "material" que os meios difundem na sociedade."

Zengozita (2006, pag.21) propõe-nos, neste âmbito, uma definição de mediatização como correspondente "às artes e artefactos que representam, que comunicam, mas também e particularmente aos seus efeitos no modo como sentimos o mundo, e a nossa participação

nele." Assim sendo, o mesmo autor leva-nos a reflectir sobre o tema, em especial no que concerne a acontecimentos mediatizados.

Por acontecimentos mediatizados entenda-se acontecimentos programados e planeados para se tornarem notícia (Sousa, 2003, p.71), ou seja, a percepção que a sociedade adquire da realidade só é possível de ser formada mediante acontecimentos mediáticos – acontecimentos sociais excepcionais cuja sua elaboração está estrategicamente definida para serem retransmitidos em directo, interrompendo a programação quotidiana para criar expectação – alterando, por vezes, a rotina diária do receptor para que este possa assistir - (Calvo, 2005, pag.2-3).

No conteúdo desta tipologia noticiosa podemos encontrar três tipos de classificações: Competição (competições desportivas, debates televisivos, eleições, declarações de guerra, como a cimeira dos Açores por exemplo, etc.); Celebração (casamentos e funerais reais, etc.); ou Conquistas (descobertas cientificas e tecnológicas, etc.). (Sousa, 2003, pag.71). Calvo (2005, pag.2-3) acrescenta ainda outras tipicidades, como Escândalos Políticos (caso Watergate ou o caso incestuoso de Bill Gates); Crimes e Assassinatos (como foi o presidente Kennedy) assim como os Atentados Terroristas (o 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos e o 11 de Março de 2004, em Madrid).

Esta noção de acontecimento mediatizado, iniciada por Katz, foi, mais tarde, em conjunto com Dayan, retomada. Esta nova acepção referia-se apenas a acontecimentos mediáticos televisivos, suporte privilegiado para este tipo de acontecimentos apesar de todos os meios de comunicação o praticarem. Caso foi dos jornais espanhóis El Pais e El Mundo que referente a este estudo de caso, mudaram a sua programação em prol da informação obtida dos atentados e consequentemente o acompanhamento das eleições legislativas em Espanha.

No que respeita a acontecimentos mediáticos televisivos, o autor Zengotita (2006, pag.19-20) propõe o termo "tele-visão" em que "Toda a gente passou a participar, a ser testemunha ocular dos acontecimentos que se desenrolavam no palco mundial, no passado e no presente". O autor dá como exemplo o assassinato de Kennedy.

> "Viram e ouviram o que se passou, não apenas na televisão, evidentemente, porque todos os média contribuíram, por todas as vias sensoriais. Mas a televisão ocupava o lugar central (…) foi de facto como se lá tivéssemos estado. Imensa cobertura, cobertura sem fim, cobertura espantosa, de certo modo mais impressionante do que se lá tivéssemos estado(…) porque estivemos lá de forma virtual sob varias perspectivas." Zengotita (2006, pag.19-20)

Dentro desta concepção, também é possível falar dos pseudo-acontecimentos, ou como o denominou Daniel Boorstin, pseudo-evento. Assumindo a teoria de Boorstin, pseudo-evento trata de acontecimentos artificiais, não espontâneos, senão previstos e provocados, planeados com o objectivo de se tornarem notícia e criados para serem cobertos pelos media, cujo sucesso depende da amplitude da sua cobertura. A preocupação principal de Boorstin foca-se no jornalismo, que teria se desviado da sua função inicial, registar os factos, passando a produzi-los (Miguel, 2001, pag.9).

Os políticos e os jornalistas são os maiores criadores dos pseudo-eventos. Os políticos, porque precisam de ser notícia, na medida em que é essencialmente através dos media que transmitem aos cidadãos as suas propostas e as suas ideias, e os jornalistas porque precisam de satisfazer as expectativas dos seus públicos em matéria de informação. Para corresponderem a essas expectativas e não existindo acontecimentos naturais em número suficiente para alimentar a procura de notícias, os media criam pseudo-eventos.

Como refere Boorstin, "o "repórter de sucesso" é aquele que é capaz de contar uma história mesma que não tenha acontecido nada de relevante. E, senão consegue encontrá-la, pode sempre questionar uma figura pública para obter uma declaração "interessante". Pode, também, descobrir um surpreendente interesse público num qualquer evento vulgar, através da técnica "a noticia por detrás da notícia." (Serrano, 2006, pag.169-170).

Por exemplo, nas conferências de imprensa, a programação do discurso da personagem política para a hora do noticiário, a forma como o palco está montado (púlpito, cores de fundo) e a adequação dos espaços de trabalho dos jornalistas são objectivos, por parte dos organizadores, para 'fazer uma boa conferencia, um bom directo', nomeadamente junto dos jornalistas da televisão.

Como refere Gomis (1997, pag.66-67), "o pseudo-evento ajuda a aparecer como se pretende ser" e por isso o "pseudo-evento captado no pseudo ambiente em que cada um de nós vive, produz verdadeiros efeitos no cenário real."

Por notícia, o autor Alsina (1996, pag.185) entende "a representação social da realidade quotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível". Porém Marcondes Filho cit in Moreira (2004, pag.15) profere que notícia "é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais." Por seu lado, Serrano (2006, pag. 27) concorda na medida em que "seduzir, atrair o olhar ou ouvido, causar impressão, produzir uma emoção no público é um meio de suscitar a leitura dos jornais e aumentar a audiência de rádio e televisão."

Na realidade, nenhum meio pode incluir toda a informação que recebe ao longo do dia, por consequência, cabe-lhe incluir, excluir e hierarquizar todas as informações. Tem que se seleccionar e esta selecção obedece a vários factores combinados. Segundo Fontcuberta (1999, p.33) estes factores correspondem a três tipos de exigências: a procura de informação pelo público; o interesse do meio em dar a conhecer ao seu público determinados factos e o objectivo de sectores da sociedade de, através dos meios, informar o público sobre determinados factos que servem os seus interesses.

Mas essa selecção de informações atende também aos valor-notícia apresentados como filtros para detectar os acontecimentos de maior interesse para os públicos desse media. Os valores-notícia respeitam determinados critérios que serão nomeados mais adiante.

No entanto, e conforme Túñez (1999, p.91), para além destes valores-notícia existem outros factores condicionantes na selecção da informação. Trata-se de "factores externos aos acontecimentos mas imersos no processo de produção informativa ou que pertencem ao jornal como actividade económica-politico-empresarial. Por isso é indispensável que ao abordar a selecção se diferencie entre referências internas e externas ao acontecimento."

Sem que a ordem implique hierarquia, o mesmo autor propõe um quadro no qual a correspondência vai incluir, excluir e hierarquizar a informação afim de a tornar notícia.

VALORES-NOTÍCIA	FACTORES DE PUBLICAÇÃO	CONDICIONANTES
- A frequência; - A novidade; - A proximidade (geográfica, social, psicológica,..) impacto sobre a nação; - A quantidade de pessoas que estão implicadas no acontecimento; - A relevância; - O conflito - O nível hierárquico dos sujeitos implicados; - Projecção e consequências;	- A competência; - A experiencia pessoal e profissional do jornalista; - A ideologia de bad news; - A imagem que os jornalistas tem do destinatário; - A linha política; - A qualidade da história e do material; - Acessibilidade dos jornalistas; - As convenções jornalísticas do momento; - Consenso social e ideológico; - O equilíbrio; - O formato; - O preço do relato - Publicidade, Vendas e subscrições;	- A política económica; - A política editorial; - O espaço; - O idioma; - O quadro de empregados - O tempo;

Fig 1. Exemplo das possíveis linhas de orientação para a selecção de notícias. (Túñez, 1999, p.92)

Portanto, obedecendo a determinados critérios, o jornalista utiliza a sua própria lista de valor-notícia para estabelecer inclusão e exclusão no texto, tal como o meio estabelece parâmetros para decidir inclusões e hierarquias na agenda.

Capítulo III – **Media e Terrorismo**

3.1 Referência a Daniel Dayan

Em 2006 quando Daniel Dayan, director do Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS), de Paris e professor de Sociologia e dos Media na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris[3], visitou Portugal para a apresentação do seu livro com José Carlos Abrantes, "Televisão: Das audiências aos públicos", apresentou também uma série de conferências sobre a relação dos media com o terrorismo.

Nessas conferências,[4] Daniel Dayan considerou que a relação media e terrorismo é bastante íntima e que tende a ser cada vez mais estreita devido ao mundo global em que nos inserimos e face a esta globalização é impraticável ignorar o "espectáculo" mediático do terrorismo.

Consoante o autor, "os media funcionam como o verdadeiro "oxigénio" para o terrorismo, dando-lhe "visibilidade"." Ou seja, é a difusão e a recepção das imagens e mensagens através dos media que sustenta a sua existência. Assim sendo, a narração da violência suporta o terrorismo. Segundo Dayan, "A par do futebol e dos grandes espectáculos musicais, o terrorismo é, hoje, um dos principais 'shows' televisivos, (…) Uma realidade que explodiu com os atentados do 11 de Setembro em Nova Iorque."[5]

Porque o terrorismo para além de um acto é também uma mensagem e, portanto, existe para ser conhecido pelos outros que não estão no local do acto terrorista. O terrorista procura a visibilidade, pretende difundir-se em espaços públicos diversificados por toda a parte. Para

[3] Daniel Dayan foi docente nas Universidades de Stanford, Milão, Oslo, Genebra, Jerusalém, Brasília, na Annenberg School for communications (Los Angeles) e no Institut d'Etudes Politiques de Paris. Em 2005 foi nomeado Annenberg Scholar (Universidade da Pensilvânia). Dayan tem dado uma contribuição permanente no âmbito da sociologia dos media. Da sua lista de publicações consta o famoso livro "Media Events – The live broadcasting of History em co-autoria com Elihu Katz, assim como "Televisão: Das audiências aos públicos" com a participação de José Carlos Abrantes e "Le terreur spectacle: terrorisme et télévision", entre outros. Além de investigador, Daniel Dayan é também comentador da televisão francesa. Mais informação em http://www.escs.ipl.pt/index.php?conteudo=editorial&id=554 e http://universite.deboeck.com/livre/?GCOI=28011100031930

[4] Realizadas na Faculdade de Letras de Coimbra e na Escola Superior de Comunicação Social.

[5] Artigo do Jornal de Noticias disponível em http://jn.sapo.pt/2006/12/09/televisao/media_oxigenio_para_terrorismo_dayan.html

tal, os media são imprescindíveis, nomeadamente, pelo impacto que estes têm sobre a opinião pública.[6] "Na realidade quem mais ganha com o "terrorismo mediático" são os próprios terroristas [a informação dada pelos media é aproveitada] pelos cérebros do terrorismo para influenciarem as opiniões públicas." (Sousa, 2005)[7]

Consoante García e Aguilar (2004) [8]o contacto dos terroristas com os media permite-lhes ter uma presença mediática suficiente para se criar uma representação sobre eles mesmos onde os media lhes proporcionam uma publicidade gratuita no qual os terroristas jamais conseguiriam, (Dayan, 2006). Assim, as acções dos terroristas já são pensadas cuidadosamente para poderem impactar a opinião pública através dos media. Judite de Sousa dá-nos o exemplo do 11 de Setembro em, Nova Iorque, quando a colisão do segundo avião acontece todos, através do media, estão atentos às imagens das torres gémeas e, por isso, assistimos a esse acontecimento em directo. "Tudo foi minuciosamente pensado e executado para produzir determinado efeito." (Sousa, 2005). O mesmo aconteceu com o 11 de Março, em Madrid, com o processo eleitoral em curso, assim como as explosões em Londres terem acontecido no primeiro dia da reunião do G8.

Para Dayan (2006) os novos meios potenciam o impacto do terror, García e Aguilar (2004) acrescentam que as novas tecnologias da comunicação favorecem o aumento das formas de organização na rede e portanto os terroristas podem actuar numa maior escala e aumentar o alcance das suas actividades, podendo também "criar zonas mútuas com bandas mais pequenas para operações específicas controlando de este modo grandes áreas geográficas."

Face a esta realidade Dayan (2006) alerta para uma nova atitude por parte dos media. De acordo com este autor "os media podem suportar a visão dos grupos terroristas ou ter uma atitude reprovadora na reconstrução dos actos terroristas. Todavia, a posição da comunicação social não deve ser demasiado próxima, de modo a "não confundir os discursos", ou muito afastada, "diabolizando" o terrorismo, (…) os meios de comunicação social não ajudam na definição do que é terrorismo e o que são os terroristas, devido a um conceito colectivo já existente. A principal crítica feita aos media assenta na sua definição de terrorismo como

[6] Artigo do Diário de Noticias disponível em http://dn.sapo.pt/2006/12/12/opiniao/nem_tudo_o_se_passa_passa_media.html
[7] Artigo do Jornal de Notícias disponível em http//jn.sapo.pt/2005/07/09/opinião/terrorismo_e_media.html
[8] Ver em http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n39/gomezmart.html

apenas insurreccional, esquecendo, por exemplo, o terrorismo de estado." [9] Exemplificamos com os órgãos de Comunicação Social em Londres quando surgiram as explosões em 2005. Nesta altura, a decisão foi que as imagens que poderiam excitar emoções não foram mostradas tendo a gestão da informação sido feita de forma muito prudente, "Perante isto, a única resposta possível é a contenção em termos de gestão da informação e da utilização das imagens, o que remete para uma nova atitude dos media face ao terrorismo." (Sousa, 2005)

Em jeito de síntese, o terrorismo conta com dois alicerces fundamentais de actuação. Um refere-se à sua estrutura em rede, que permite a organização terrorista a possibilidade física de levar avante um atentado de grandes dimensões, o outro, refere-se à representação que os meios de comunicação lhes oferece, no qual os terroristas aproveitam o potencial dos meios para fornecer às suas acções um carácter imediato e universal, cujo receptor aceita essa realidade como certa, apesar de não ter a oportunidade de a contrastar, e por isso a sua conduta e a sua opinião vão se formar através de uma única representação parcial e por vezes manipulada. Para tal, Sousa (2005) adverte que o "O terrorismo impõe uma nova deontologia e uma nova prática jornalística. Mais importante do que mostrar o que aconteceu é pensar nas consequências do acontecimento até para evitar que os terroristas utilizem os media como instrumentos da sua cruzada contra o ocidente."

3.2 Terrorismo e Comportamento Mediático

A expressão "terrorismo" passou a integrar a linguagem quotidiana em todo o mundo. Existem várias definições de terrorismo, aquela que se apropria mais aos atentados do 11 de Março em Madrid designa-se como, o uso da violência por parte de pessoas armadas para provocarem medo a pessoas desprotegidas ou surpresas a este tipo de acto. (O'Sullivan, 1986, pag.119)

Explicando melhor, o terrorismo é uma estratégia política e não militar, ou seja, de consecução de objectivos políticos, mediante o assassinato de pessoas, com este feito, a sua

[9] Artigo no site da Escola Superior de Comunicação Social disponível em http://www.escs.ipl.pt/index.php?conteudo=editorial&id=554

intenção mais comum é amedrontar à população com objectivo de fomentar no inimigo (governo) uma mudança de comportamento que responda às exigências dos terroristas.[10]

Segundo a Grande Enciclopédia Universal (2004), este regime político – o terrorismo – que pretende dominar por meio do terror e de acções violentas executadas contra pessoas, por vezes inocentes, ou bens para infundir o terror é normalmente usado por movimentos clandestinos como forma de lutar contra o regime político vigente desse país onde a acção foi levada a cabo.

O que define um terrorista não são, propriamente, os seus objectivos, mas sim o método que este escolhe para os obter. Para este, os meios justificam os fins e por isso mesmo o objectivo não é, necessariamente, eliminar, de uma forma directa ou indirecta, todos os seus opositores mas sim um número significativo para aqueles que restam desistirem da luta e se submetam às "exigências". [11]

Como refere Nuno Teixeira (2004)[12], o terrorismo actual difere dos terrorismos tradicionais (ETA, IRA…) em vários aspectos. Enquanto o primeiro é transnacional e orientado por uma organização não estatal capaz de mobilizar meios de informação e de acção que até aqui só os Estados eram capazes de mobilizar, assumindo uma lógica global e de conflito internacional, os terrorismos tradicionais assumiam uma lógica nacionalista, ideológica e política referentes a um Estado, actuando num espaço geográfico limitado. Outra das diferenças remete-se à estrutura da organização. Enquanto os terrorismos tradicionais têm uma estrutura hierárquica e uma liderança conhecida - um interlocutor, o terrorismo actual não tem um interlocutor, o único "rosto" que tem é o Além, para além de estrutura difusa e em rede. Quanto aos objectivos também existem peculiaridades. Enquanto os tradicionais tinham objectivos definidos e assim mesmo a possibilidade de negociar, o terrorismo actual não tem objectivos políticos fixos apenas, e citando o mesmo autor, "derrotar o Ocidente, "purificar" o mundo e fundar uma nova ordem mundial sob uma espécie de califado global." O autor, apontando as diferenças de um terrorismo e de outro chega à conclusão que "não é possível negociar com a

[10] Vêr mais informação no Departamento de Defesa dos Estado Unidos em http://www.state.gov/www/global/terrorism/1996Report/1996index.html

[11] Vêr o Courrier International – Hors-Série – " L'atlas du terrorisme", Março, Abril e Maio de 2008

[12] Artigo disponível no site do Instituto Português de Relações Internacionais
Vêr artigo completo em http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=9&ida=50

Al Qaeda, primeiro porque não há um interlocutor, segundo porque não há objectivos inteligíveis, e terceiro, porque o único objectivo inteligível não é negociável."

Este novo terrorismo que Nuno Teixeira (2004) menciona diz respeito a Al Qaeda. Ramiro Guerrero[13]explica-nos como este grupo planifica e executa atentados terroristas. A organização funciona por células. Desde o comando central (a célula mãe) está um coordenador que controla uma célula que possuí em si várias sub-células que operarão independentemente. A célula, e por sua vez as sub-celulas, trabalham separadamente cujo membros não se conhecem nem as funções e actividades que cada sub-celula desempenham. O segredo mantém-se para poderem cumprir a missão a que estão expostos.

Seguindo a linha de pensamento de Ramiro Guerrero, a estrutura de uma célula divide-se em quatro grupos. *A equipa de controlo e comando da célula*, refere-se ao grupo que conhece os objectivos enviados pelo comando superior de Al Qaeda. As ordens do comando recebem-nas através do correio em pontos estratégicos (websites, linguagem predeterminada, salas de chat..) mas sem nunca terem contacto directo com o nível superior; *A equipa de reconhecimento*, encarregada pela obtenção de informação (mapas, fotos, documentos, relatórios e pesquisa internet), costumam ter formação em fotografia, e na redacção de relatórios de inteligência, assim como nas telecomunicações afim de facultar segurança à célula. Encontra-se num nível estratégico operacional; *A equipa de logística e preparação*, são treinados na coordenação de operações e nas actividades de falsificações e crime organizado. Obtém documentação, armas, transporte, a passagem em fronteiras, etc. É responsável pela parte preparatória, coordenando os recursos que o comando determina; por último, *a equipa de execução* trata-se da ferramenta militar da célula e portanto a mais protegida e no qual a maioria dos membros querem pertencer por ser o posto de maior honra. Esta equipa está seleccionada cuidadosamente pois qualquer debilidade põe em risco a operação. As suas funções podem ser assassinar, sequestrar, realizar explosões, torturar, etc. Trabalham em plena solidão, podem ser suicidas (como no 11 de Setembro) ou simples executadores (11 de Março).

[13] Monografia disponível em http://www.monografia.com/trabajos40/planificacion-atentado/planificacion-atentado2.shtml?monosearch

Segundo "El manual para negarlo todo" publicado no jornal El Pais[14], os terroristas são ensinados a negar a sua implicação nos atentados, convencendo aos interrogadores de que todas as informações que eles possuem são falsas. Explica como não devem se atraiçoar uns aos outros visto que "uma confissão parcial é o princípio de uma confissão completa, e o começo da queda. A resistência deve ser total, o que quer dizer que se deve ocultar tudo." Autoriza aos terroristas para que vivam em sociedades ocidentais para não levantarem suspeitas e por isso "Não devem usar barbas e devem ocultar ter a religião muçulmana. Para não levantar suspeitas nas sociedades dos infiéis, estão dispensados de seguir a lei islâmica, podem ter relações com outras mulheres, beber álcool, comer porco e todas as outras coisas necessárias para cumprir a missão encomendada." Os partidários da Jihad foram aconselhados a alvejar "marcos sentimentais" como a Estátua da Liberdade de Nova York, o Big Ben de Londres e a Torre Eiffel de Paris, porque a sua destruição "geraria intensa publicidade".

A União Europeia a 14 de Maio de 2007[15] proclama a luta contra o terrorismo alegando que "O terrorismo representa uma ameaça significativa para a segurança da Europa, para os valores das nossas sociedades democráticas e para os direitos e liberdades dos cidadãos europeus. Os actos de terrorismo são criminosos e injustificáveis em todas as circunstâncias."

O terrorismo actual tem crescido entre os desesperados devido ao impacto psicológico que ele pode ter no público, graças à extensa cobertura que a imprensa lhe pode dar. O terrorismo converteu-se assim num protagonista habitual da actualidade, com um impacto emocional multiplicado pelos meios de comunicação.

> "Em uma sociedade democrática, quando se diz "terrorismo" também se diz "meios de comunicação". Porque o terrorismo, pela própria natureza, é uma arma psicológica que depende da comunicação de uma ameaça a uma sociedade mais ampla. É por isso, em essência, que o terrorismo e os meios de comunicação gozam de uma relação simbiótica." (Paul Wilkinson cit in Gabriel Weimann, 2007)[16]

[14] Disponível em http://www.elpais.com/articulo/espana/manual/negarlo/todo/elpepuesp/20070218elpepinac_1/Tes
[15] Disponível em http://www.consilium.europa.eu/uedocs/cmsUpload/FactsheetFightagainstterrorism_PT_rev1.pdf
[16] http://usinfo.state.gov/journals/itps/0507/ijpp/weimann.htm

Os atentados que os terroristas produzem não têm habitualmente como objectivo tirar a vida a alguém mas sim de conseguir que esse feito que provocam afecte a opinião publica através da atenção que os meios de comunicação lhes presta e assim sendo a melhor fonte gratuita de publicidade.

O terrorismo através do uso directo dos meios de comunicação de massa provoca a guerra psicológica na sociedade. Segundo Gabriel Weimann (2007) os terroristas "actuam e planeiam as suas acções tendo a media como factor fulcral a atingir. Seleccionam alvos, local e ocasião de acordo com as preferências da media, tentando satisfazer critérios de interesse, horários e prazos da media."

Atendendo à definição que já efectuei acerca de pseudo-evento como acontecimento não espontâneo, criado com o objectivo de garantir a sua própria difusão assim como acontecimentos forjados, falsos, que têm como objectivo prejudicar e manipular a opinião pública. Serão os actos terroristas classificados como pseudo-eventos? Foram planeados e não aconteceram espontaneamente, planejou-se um evento que certamente atrairia a atenção dos media, pois a sua execução terminaria em acções espectaculares que levariam medo e pavor à população. Moreira (2004)[17] explica que muitas vezes estes pseudo-eventos surgem em série criando uma *novelização* da notícia e por isso mesmo sinónimos de cobertura exagerada e de encontro ao que Orive cit in Gomis (1997, p.68) nomeia de "espectáculo televisivo".

Gabriel Weimannn (2008) compara o terrorismo com a produção teatral "cuidados meticulosos com a preparação do roteiro, selecção do elenco, cenários, acessórios, representação e direcção de cena minuto a minuto. Assim como nas peças de teatro, a orientação das atividades terroristas na mídia exige atenção cuidadosa aos detalhes para ser eficaz. A vítima é, no fim das contas, apenas "o couro de um tambor tocado para produzir impacto calculado sobre uma platéia mais ampla".

Gomis (1997, p.67) defende que se os meios não publicassem noticias dos atentados, este perderia a maior parte do seu alcance, no entanto, o autor admite que a sociedade deve conhecer o que acontece para poder racionar e controlar a sua própria acção.

[17] http://bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.html

> "Está-se perante um tipo de informação que privilegia o espectacular, o imediato, o espontâneo e o negativo, em detrimento de uma abordagem que destaque uma análise mais profunda, de longo termo, que explique as causas e as consequências dos actos de violência e que dê espaço aos cidadãos anónimos, organizados ou não, que se vão mobilizando em torno da não-violência." (Maria João Simões, 2004, p.463)

O surgimento do terrorismo voltado para a mídia representa um duro desafio para as sociedades democráticas e os valores liberais. A ameaça não se limita apenas à manipulação da media e à guerra psicológica como inclui também o perigo de restrições impostas à liberdade de imprensa e de expressão pelos que tentam combater o terrorismo.

Capítulo IV – **Os atentados do 11 de Março em Madrid**

4.1 A viragem espanhola[18]

É indiscutível que, após os atentados de Nova Iorque a 11 de Setembro de 2001, muitos aspectos mudaram no mundo, mas aquele que, sem dúvidas, se viu mais afectado foi o da política internacional.

Al Qaeda ao perpetuar um atentado de tamanha envergadura e planificação, demonstrou a sua eficácia organizacional e neste sentido, fez sobressaltar a segurança nacional americana. Os Estados Unidos da América, depois de ter sido atacado no coração da "Big Apple", alterou a sua política de segurança e de relações internacionais, focando-se na "luta contra o terrorismo".

Depois do ocorrido, vários foram os países europeus que apoiaram os Estados Unidos nesta luta interminável, iniciando assim uma guerra contra o terrorismo islâmico.

Espanha, sob o governo de Aznar e provavelmente com o desejo de se converter em actor principal da política mundial, descobriu nesta "nova América" um ponto em comum optando por proporcionar-lhe um apoio incondicional, talvez assim, buscando ajuda para a resolução com o seu problema interno, igualmente catalogado de terrorismo e no qual durante os seus mandatos tinha sido a sua prioridade, ou seja, a luta contra o grupo terrorista ETA (organização fundada em finais dos anos 50 do século XX e que luta pela Independência do país Basco - Euskadia).

Esta poderá ter sido uma das razões pela qual Al Qaeda decide atacar Espanha de maneira forte e decisiva no dia 11 de Março de 2004, ainda que não a única, basta recordar o primeiro atentado islamista em território espanhol, no dia 12 de Abril de 1985 no restaurante "El

[18] Para facilitar a leitura e evitar o excesso de notas de rodapé este capítulo está baseado nos jornais El Pais e El Mundo dos dias 11 a 15 de Março de 2004, assim como os livros referentes aos atentados (disponíveis na biografia) e as reportagens do Canal Historia e Arte titulado "72 horas: Del 11 M al 14 M" de Jose Manuel Lorenzo, 2006. Assim como a reportagem de Telemadrid co-produzido por El Mundo TV em colaboração com Canal 9 e TV Galicia, titulado "11M: historia de un atentado", 2005.

Descanso", próximo ao aeroporto madrileno de Barajas, onde 18 pessoas perderam a vida e que ainda hoje continua sem condenação possível devido a falta dos autores materiais.

O motivo deste primeiro atentado continua a ser uma incógnita, ainda que haja quem mencione a possibilidade de que a bomba se dirigia aos soldados norte americanos, que iam habitualmente a comer a esse restaurante devido à proximidade de este com a base de Torrejón, uma das várias bases em comum com o exército americano.

Embora não fosse habitual Al Qaeda operar em Espanha, era do conhecimento público a existência de esta na terra vizinha. Espanha funcionava como um bom acolho para manobras de logística, basta recordar que muita da logística adquirida para os atentados do 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unido foi efectuada em Espanha assim como a última reunião entre alguns dos terroristas antes da execução dos atentados.

A proximidade dos atentados de Madrid com as eleições legislativas não foram fruto de coincidência. Grandes foram os interesses políticos que se revolveram a este respeito. Se o autor dos atentados "*los trenes de la muerte*" fosse ETA, tal consequência não faria mais que demonstrar que a política de Aznar era a correcta, unir-se à aliança com Bush.

Outra das chaves que pudesse ter dado de novo o poder ao Partido Popular (partido do governo vigente da época) teria sido o pacto Zapatero-Rovira. Carod Rovira, primeiro-ministro do governo regional catalão, da esquerda republicana, aliado com o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) para estabelecer o primeiro governo de esquerda na Catalunha desde a guerra civil, estabeleceu reuniões secretas com o grupo terrorista ETA em Perpigñan, com o objectivo de estabelecer a paz somente na região da Catalunha. Sendo Madrid a comunidade "inimiga" de Catalunha "seria compreensível" que ETA actuasse sobre essa cidade espanhola a três dias das eleições.

Rovira foi, mais tarde, destituído das suas funções, em 29 de Janeiro de 2004. Com esse acto, o PSOE (que fez suspeitar à opinião publica que soubesse desse acordo entre Rovira e ETA) desperdiçaria uma "ida à Moncloa" no dia 14 de Março de 2004 (eleições legislativas espanholas) já que a opinião pública não aceitou esse encontro secreto de deslealdade.

Sendo, finalmente, Al Qaeda o autor dos atentados e uma das causas o envio das tropas espanholas a Iraque por parte do governo do PP (Partido Popular) que, "desobedecendo" a opinião pública e ao seu próprio partido, enviou 3.000 homens, 4 aviões e três barcos para um apoio "humanitário" fariam com que o PP perdera muitos créditos nas eleições, onde a maioria do povo espanhol via na sua continuidade como um perigo para a sua integridade.

Esta decisão, por parte de Aznar, permanecia na memória das quase oitenta manifestações do 15 de Fevereiro de 2003 que aglomerou nas ruas a 2 milhões de manifestantes em Madrid, 1,5 milhões em Barcelona ou 500 mil em Valência. Segundo as notícias da época[19] os resultados eram arrasadores, 91% dos espanhóis desaprovavam a sua decisão, ainda assim, ele persistiu, tinha escolhido esse caminho para o bem de Espanha, como homem do governo, naturalmente o cidadão comum não o poderia entender.

É relevante salientar que os meses que se procederam a ocupação do Iraque em 19 de Março de 2003, em que se sustentava a tese dos EUA, no qual, o ditador do Iraque, Saddam Husseim, possuiria armas de destruição maciça, teria sido apenas uma estratégia por parte de Bush para o controlo das enormes reservas de petróleo existentes no Iraque. Apenas, passado um ano da ocupação, os governos dos EUA e da Grã-Bretanha reconheciam que estas armas não existiam. Com isto, e tendo sido Al Qaeda a atacar em Madrid, obviamente que Aznar sairia da liderança e não seria recordado pelo crescimento de Espanha durante os seus dois mandatos.

Tendo em vista a última sondagem, datada de 8 de Março de 2004[20], que atribuía ao PP uma vantagem de três pontos perante os socialistas, passo a descrever as 72 horas precedentes às eleições de 2004 em Espanha.

Madrid, dia 11 de Março de 2004, quinta-feira, aparentemente um dia normal, laboral e escolar para muitos (felizmente a greve dos universitários da Universidade de Madrid poupou algumas vidas), tempo ameno. Está tudo previsto, foi tudo concedido de maneira meticulosa e pormenorizada para se conseguir uma série de efeitos, ou seja, uma mudança nas urnas.

[19] http://www.elmundo.es/elmundo/2004/02/15/espana/1076843557.html

[20] Sondagem El Mundo-Sigma Dos. Ver mais em anexos e http://www.elmundo.es/elmundo/2004/03/07/enespecial/1078660147.html

As treze mochilas foram depositadas em quatro comboios de bairros diferentes, que vêm desde Guadalajara e Alcalá de Henares com a finalidade de coincidirem e explodirem todas na estação de Atocha com uma diferença de minutos, assim sendo, provocaria uma explosão do edifício e causaria um número maior de vítimas. O objectivo seria provocar um atentado que, pela sua dimensão, relembrasse, aos atentados às Twin Towers de Manhattan.

Os terroristas estudaram os horários em detalhe: os comboios devem coincidir em Atocha entre as 7h36 e as 7h51, momento em que a aglomeração de pessoas é maior. São 7h39, o comboio que inicia o seu percurso em Chamartín às 6h45 encontra-se, nessa altura, na Calle Téllez, a menos de 500 metros de Atocha. Três bombas situadas no centro e no final do comboio explodem. Uns segundos mais tarde, quatro bombas destroem um outro comboio que partiu de Alcalá de Henares com destino a Alcobendas e que está estacionado na linha dois em Atocha. Três minutos mais tarde, outro comboio que saíra também da estação Alcalá de Henares com destino a Alcobendas trazia consigo mais quatro bombas, três delas explodem na estação de El Pozo do Tio Raimundo, a outra não chega a explodir. Por último, sobre a linha da estação de Santa Eugénia outra carga explode às 7h42.

Em suma, num espaço de 3 minutos, dez das treze bombas que se encontravam nos quatro comboios regionais geram 199 mortos e mais de 1.500 feridos. O processo foi fácil. O temporizador dos artefactos explosivos estão conectados a um telemóvel cuja alarma faz com que estas activem e produzam a explosão.

As bombas estão disfarçadas em 13 mochilas. Cada uma com 10-12 quilos de explosivos (trata-se de Dinamite, mas não aquela em que ETA costuma usar, a Titadyne, mas sim Goma2 Eco) mais um quilo de pregos. Ligadas ao alarme de um telemóvel da marca Triumph que assim que dispara activa o artefacto. Das 13 mochilas apenas 10 detonaram, duas foram encontradas no local e forçadas a explodirem pelos serviços policiais espanhóis. A última foi encontrada na esquadra de Vallecas por casualidade. Estava juntamente com alguns sacos, carteiras e pertenças das vítimas. Não teria estourado porque o seu alarme estava configurado para a forma horária PM e não AM. Esta bomba é aquela que vai conduzir para a investigação dos atentados.

O dia mal começou e os sentimentos de desespero e de dor já se fazem sentir. Madrid agita-se, chega SAMUR (a INEM espanhola), apresentam-se 40 ambulâncias, número insuficiente para cobrir as necessidades da catástrofe. Sobre o terreno monta-se um hospital de campo no pavilhão desportivo Daoiz e Velarde, na rua Téllez, no qual os médicos praticam autêntica cirurgia de guerra.

Em Madrid reina a solidariedade, civis, psicólogos, médicos, táxis, polícias, psiquiatras, enfermeiros, sacerdotes, etc., acodem ao local para prestarem ajuda voluntária. Há famílias desesperadas mas ao mesmo tempo esperançadas em encontrarem os seus familiares. As vítimas vivas são reencaminhadas para os vários hospitais de Madrid, os mais graves, numa primeira etapa, são ali cuidados, os menos graves são reencaminhados a irem por si mesmo a algum hospital. As vítimas mortais são depositadas no pavilhão 6 de IFEMA cujos familiares colaboram no reconhecimento dos cadáveres.

Estamos a três dias das eleições e todos os partidos já decidiram anular todos os actos eleitorais previstos para os últimos dias. Existe um segredo[21]. Nos dias previstos às eleições preparava-se um golpe espectacular à cúpula de ETA. Seria um presente de final de mandato para o presidente. Os seus colaboradores sabem que para Aznar, a luta contra ETA, foi um dos pontos centrais durante a sua actuação. Por isso as forças de segurança vão-lhe dar uma grande satisfação que ao mesmo tempo favorecerá, como um último ataque, na estratégia eleitoral. A captura, o golpe, toda a cúpula do grupo terrorista e praticamente todos os comandos operativos conhecidos, estava tudo orientado. Desta forma, Aznar cumpriria com uma das suas promessas: acabar com uma boa parte da organização terrorista. Escolheu-se, cuidadosamente, a data do grande ataque, a noite de sexta-feira 12 de Março, justamente no momento em que se abandona a campanha eleitoral e se entra no dia de reflexão. Os agentes de campo estão cada um no seu posto vigiando os terroristas. O segredo da operação é absoluto. Mas o tiro saiu pela culatra e depois dos atentados paralisou-se essa operação.

A autoria é imediatamente atribuída ao grupo terrorista ETA. Uma jornada marcada pela convocação do Governo para o dia seguinte. Aznar apela a todo o país a manifestar-se na

[21] Informação revelada pelo El Mundo em http://www.elmundo.es/elmundo/2004/04/19/enespecial/1082356558.html

sexta-feira às 19h00 sob o lema "Com as vítimas, com a Constituição, pela derrota do terrorismo". O facto de se incluir a palavra Constituição no lema só iria reforçar a ideia que seria ETA o autor dos atentados.

De facto, o Governo insistiu, durante todo esse dia, pela linha de investigação que conduzia a ETA como responsável daqueles ataques no auge das eleições. A perseverança desta teimosia está presente em vários actos:

- Nas comparências do Ministro do Interior, Àngel Acebes, diante dos meios de comunicação no qual incrimina ao grupo terrorista ETA e onde comenta que o Governo não tem nenhuma dúvida em que tenha sido ETA a cometer os atentados e que é totalmente intolerável qualquer tipo de intoxicação que desvie esta linha de investigação (criticando as declarações de Arnaldo Otegui do qual nomearei mais tarde neste presente capitulo).

- Na declaração que provem da reunião de Aznar com o Gabinete de Crise, onde se destaca a ausência de negociação possível do Governo com os encarregados dos atentados (apesar de não nomear o grupo terrorista etarra refere-se, de uma forma subtil, ao diálogo de Carod Rovira com ETA para a trégua em Catalunha). Há que salientar que na reunião que decorreu em Moncloa nessa manhã com o Gabinete de Crise existe uma peculiaridade. Neste comité de crise, formado por vários ministros, vice-presidente e presidente, falta o secretário de estado habitual que é substituído por outro, curiosamente, o secretário de estado que se ausenta é o Director do Centro Nacional de Inteligência (CNI) e o substituto é o secretário de comunicação, Alfredo Timmermans. Digamos que, o gabinete que se formou em Moncloa não é um Gabinete de Crise mas sim um Gabinete eleitoral, porém o Governo defende-se em que esteve em contacto com o Director do CNI via telefónica.

- Antes que a manhã termine Aznar liga pessoalmente aos directores dos principais diários espanhóis e nega todo o crédito às palavras de Arnaldo Otegui que descarta a ETA e implica, por outra parte, aos islamistas. Insiste e transmite com convicção absoluta que ETA é autor dos atentados nos comboios. Ora bem, parece que se trata de

uma contradição de um terrorista que mata e não o diz. Provavelmente Aznar não pensou nisso, os terroristas matam para que se saiba, não escondem o acto pois querem ser visíveis e imporem a sua agenda. Aznar não se fica por aqui e torna a ligar aos directores dos jornais espanhóis com a desculpa de actualizar as informações acerca das investigações (quando o Ministro do Interior já o tinha feito na sua última comparência diante das câmaras) e uma vez mais pedindo para que estes não se deixassem iludir porque estes atentados tinham como autor a ETA.

- Assim como Aznar, uma secretária de Moncloa também ligou a todos os jornalistas correspondentes credenciados em Madrid para convence-los que ETA estava por detrás desses atentados.

- Ana Palácio, Ministra dos Assuntos Externos envia um telegrama[22]no qual apresenta aos embaixadores espanhóis informações sobre os atentados. Nesse telegrama, ordenava às embaixadas que confirmassem perante as autoridades desses respectivos países e perante os meios de comunicação que a autoria dos atentados era atribuída a ETA, que assim o confirmava o Ministro do Interior pelo tipo de explosivo utilizado e por outras informações que por razoes óbvias não as iria divulgar.

Porém, enquanto o Governo sustentava a sua tese, outros opunham-se abrindo o caminho para outras alternativas. Exemplo disso foram as declarações de Arnaldo Oteguí, líder de Batasuna, partido ilegalizado vinculado a ETA, comenta que "Nem pelos objectivos nem pelo *modus operandi* dos atentados pode-se afirmar que a responsabilidade seja de ETA."[23] Otegui revela que não se pode excluir totalmente a hipótese de um atentado islamista. No dia seguinte ETA persiste através do diário Basco, Gara, e da televisão local ETB contestando qualquer vinculação da organização nos atentados de Madrid.

Na realidade, as semelhanças desses atentados com algumas ameaças por parte de ETA coincidiam. Trata-se de muitas coincidências e de "provas circunstanciais". No final do ano anterior, dia 24 de Dezembro de 2003, a polícia deteve em Bilbao, um etarra com 25 quilos de

[22] Telegrama número 395 disponível em anexos.
[23] Citação retirada do jornal El Pais, dia 13 de Março de 2004 no artigo titulado "El desconcierto del Gobierno sobre la autoría del atentado", página 26.

Titadyne com um bilhete de comboio direcção Irún-Madrid. A bomba exploraria no comboio na sua chegada a Madrid e segundo o ministro do interior, Ángel Acebes, com o *modus operandi* similar aquele que sucedeu em Atocha. O facto de no mesmo mês, dia um de Março, terem sido detidos em Cuenca dois membros de ETA que trasladavam numa carrinha, 506 quilos de explosivos e um mapa com uma marcação em Álcala de Henares (lugar onde partira os comboios com as bombas nos atentados do 11 de Março) só convenceu ainda mais ao Governo pela linha de investigação ETA. O momento eleito também seria característico de ETA, que habitualmente tenta influenciar em campanhas eleitorais. Portanto parece que Al Qaeda (como se constatou sendo encarregado dos atentados em Madrid) perpetuou esse ataque usando a infra-estrutura de ETA, provavelmente para confundir ainda mais a opinião pública e os seus dirigentes, e assim obterem os seus propósitos, mudança de partido na liderança e retirada das tropas no Iraque.

Mas parece que o Governo esconde alguns dados. Nesse mesmo dia, no dia dos atentados, a polícia recebe uma chamada de um desconhecido alertando sobre a existência de uma carrinha branca, Renault Kangoo, situada junto à estação ferroviária de Alcalá de Henares, de onde partira os comboios carregados de bombas. Ángel Acebes, numa das suas aparições nesse dia à imprensa explica esse facto e relata o resultado da investigação à carrinha. No seu interior a polícia tinha encontrado sete detonadores e uma cassete com versículos do Corão. Acebes não comunica que a matrícula dessa carrinha era a original, normalmente ETA costuma colocar matrículas falsas nos carros que usa. Quando adverte o tipo de explosivo, coincidente com o mesmo da mochila encontrada na esquadra, apenas anuncia que se trata de Dinamite mas não comenta nada mais. De facto Titadyne e Goma2Eco são tipos de explosivos que se enquadram na Dinamite mas totalmente diferentes, até porque seria um dado revelador, visto que o encontrado trata-se de Goma2Eco e aquele que ETA usa é a Titadyne. No final conclui que deu ordem para que se abrisse uma outra linha de investigação apesar que a linha prioritária seria a de ETA.

A investigação prossegue e ainda no mesmo dia dos atentados o jornal árabe Al Qods Al Arabi, editado em Londres, informa a recepção, através de e-mail, da reivindicação dos atentados em Madrid pelas Brigadas Abu Hafs Al Masri, grupo vinculado a Al Qaeda. Designam os atentados como “operação comboios da morte”. Segundo o director da

publicação, Abdel Bari, a linguagem utilizada neste comunicado corresponde a comunicados interiores pelo mesmo grupo terrorista.

O dia seguinte aos atentados foi marcado pela manifestação que o Governo tinha convocado. A concentração de pessoas foi imensa, mais de 11 milhões de manifestantes se reuniram nas ruas espanholas para contestarem ao terrorismo. O povo espanhol está revoltado e sentido. São muitos aqueles que duvidam e questionam-se através de cartazes sobre a autoria dos atentados, começa-se a borbulhar a possibilidade de um acto islamista. No entanto o Governo apesar de ter ordenado a investigação por outras linhas continua a repisar no grupo terrorista ETA.

Estamos a dia 13 de Março, a um dia das eleições, e existe cada vez mais pressão por se saber a autoria do atentado. O Governo afirma que a investigação está a ser orientada para várias direcções.

No final da tarde, Telemadrid informa que acaba de receber uma chamada telefónica de um homem com pronúncia árabe anunciando que uma cassete de vídeo no qual se reivindica o atentado foi depositada numa lixeira situada próximo da mesquita situada na M-30. Em conferência Acebes relata que trata-se de um vídeo realizado por uma câmara doméstica, que contém uma mensagem de reivindicação lida por um homem mascarado, com pronúncia árabe, vestido como os árabes e com uma metralhadora nos joelhos e que afirma ser representante de Al Qaeda em Europa, Abu Dujan Al Afgani, totalmente desconhecido pelos serviços de investigação europeus, americanos ou israelitas. Atrás deste homem está uma bandeira preta que mostra os versículos do Corão. Distribui-se o texto aos jornalistas.

O Ministro do Interior torna a comparecer perante as câmaras para anunciar a detenção de três marroquinos, dois índios e dois espanhóis por estarem implicados na venda dos telemóveis. Acrescenta que a investigação em direcção a ETA continua em progresso. No entanto, a um dia das eleições o Governo vai, muito lentamente, mudando de opinião e não descartando a possibilidade de se tratar de um atentado islamista.

Existem dois métodos clássicos de manipulação de massas: a utilização dos meios e os lobbies. Mas um dia antes das eleições faltava tempo para recorrer a esses meios, por isso,

decide-se utilizar um método inédito, o dos SMS, uma maravilha técnica que oferece os telemóveis e que permite escrever mensagens de menos de 160 caracteres. Rápido, claro e conciso. Um procedimento utilizado desmedidamente nessa tarde do dia 13 de Março. Em milhares de telemóveis espanhóis circulava esta mensagem: "Aznar de rositas? Lo llaman jornada de reflexión y Urdaci trabajando? Hoy 13-M a las 18. Sede PP C/Genova 13. Sin partidos. Silencio por la verdad. Pásalo!". Escusado será dizer que esta pequena mensagem originou um motim eleitoral, acto formalmente proibido pela lei e castigado com pena de prisão e multa. Três mil pessoas concentraram-se na sede do PP, insultando o governo e pedindo toda a verdade antes de votar. Mariano Rajoy (candidato do PP) denuncia as manifestações como "ilegais e ilegítimas".

Espanha encontra-se a uma noite das eleições. É evidente que a pista inicial de ETA vai perdendo força calmamente, sem por outro lado, existir provas que comprovassem com exactidão que os islamistas, individualmente ou a Al Qaeda, fossem os autores dos atentados daquela quinta-feira. Uma cassete com reivindicação do atentado, mais a detenção dos marroquinos, permitem supor que os serviços da polícia e o seu ministro não disseram tudo, ou tardaram o máximo em reconhecer que ETA não estaria implicada nos atentados.

Depois destes dias excitadíssimos de novidade, chega o dia 14 e com ele as eleições. Os autores do atentado tinham conseguido interromper a campanha eleitoral e aumentar a incógnita sobre os resultados nas urnas.

Os cidadãos acudiram em massa às urnas, 2.500.000 eleitores, um 77,2% da população, há quem diga que os indecisos decidiram e foram votar. Os jovens também acudiram em massa. No total, 22,8% abstenções, 1,57% votos em branco e 1% nulo.

42,64% dos votos foram atribuídos para o PSOE e assim sendo com 164 deputados. 37,64% dos votos foram destinados para o PP com 148 deputados.

Os terroristas conseguiram a mudança de partido no Governo, e o líder socialista, Zapatero, passava assim a Governar um país ressentido pelo terrorismo. Zapatero ordenou a retirada das tropas no Iraque, Espanha retirou-se a 30 de Junho desse ano.

Mais tarde, ainda no mês de Março, a polícia espanhola encontrou a principal célula islamista que havia provocado os atentados do 11 de Março, quando tudo estava a postos para deter os supostos acusados, estes fazem-se explodir num pequeno apartamento no Bairro Leganés em Madrid. Dentro encontrava-se quase 200 detonadores e 10 quilos de dinamite tipo Goma2Eco. Foram julgadas 28 pessoas, a maioria dos réus eram marroquinos apesar de também ter havido espanhóis envolvidos. São acusados de 199 homicídios e mais de 1.500 tentativas de homicídio. Considerado o maior processo de sempre da justiça espanhola e do mundo no que toca ao terrorismo, o julgamento que começou em Fevereiro de 2005 só terminou no passado 2 de Julho, ou seja três anos, sob fortes medidas de segurança e aparato mediático.

Oito, desses 28 arguidos, foram acusados pelo Ministério Público Espanhol da autoria do atentado e, no total, tiveram 39 mil anos de prisão. Nove arguidos estão em prisão preventiva e 10 em liberdade condicional. Um deles acabou por ser ilibado a 4 de Junho. O tribunal deverá pronunciar-se sobre a forma de actuação das forças de segurança espanholas e fixar os termos da indemnização às vítimas (os familiares pedem indemnizações no valor de 1 milhão de euros por cada um dos 199 mortos) e apoios aos feridos. O Governo espanhol já tinha facultado nacionalidade espanhola a todas as vítimas e familiares das vítimas dos atentados.

Os atentados do 11 de Março de 2004 em Madrid tiveram uma repercussão enorme no estrangeiro. Por primeira vez as Nações Unidas condenaram um atentado contra um grupo terrorista, que devido às informações do Governo Aznar, não esteve implicado no atentado. E o Parlamento Europeu convoca o dia 11-M como o dia "Dia Europeu das vítimas do terrorismo".

No entanto existem muitos enigmas nestes atentados. Uma das paródias refere-se a um comunicado[24] que Bin Laden, apenas umas semanas depois dos atentados, anuncia que ordenou, ao cérebro do 11-Março, Amer Azizi, atacar Espanha muito antes da decisão de Aznar acompanhar a Bush e Blair. O que aconteceu em Madrid, Bin Laden afirma, que não tem nenhuma ligação com a invasão ao Iraque mas sim porque, Espanha, representa a um estado ocidental decadente, anteriormente controlado pelo Islão..Só esta é a causa, recuperar o Islão mítico.

[24] Chalvidant, pag.177

Outra das curiosidades refere-se ao facto de entre o 11 de Setembro em Nova Iorque e o 11 de Março em Madrid haver 911 dias, ou seja 9/11 segundo a forma como os americanos expressam as datas, com o mês a frente dos dias. Mas 911 é também o número de emergências de Nova Iorque, aquele que milhares de pessoas marcaram naquele dia….

Capítulo V – **Análise dos Jornais El Pais e El Mundo dos dias 11 a 14 de Março de 2004**

5.1 Metodologia

Como já referido, muito se especulou acerca da informação veiculada pelo governo espanhol logo após os atentados de Madrid no dia 11 de Março de 2004. Com enfoque nesta tese, este trabalho monográfico procura visualizar esses indícios manipuladores conforme a linha de preferência de dois jornais espanhóis – El Pais e El Mundo – e analisar o tipo de cobertura nos dias precedentes aos atentados com vista às eleições gerais espanholas, nos dias 11 a 14 de Março de 2004, contando cada um dos jornais com uma edição especial no dia 11 de Março de 2004.

A análise sustenta-se em dois pilares. Na informação proveniente dos atentados (e aqui é pertinente verificar o número de artigos que mencionam o grupo terrorista ETA ou o grupo islâmico Al Qaeda), e na informação acerca das eleições do 14 de Março (as personagens e partidos envolventes assim como a "intoxicação" da informação consoante os seus interesses).

Da análise, vão constar pontos referentes às chamadas da primeira página, aos artigos de opinião e editorial, excluindo-se as cartas ao Director e ao Vox Populi, assim como artigos e notícias que digam respeito aos atentados e às eleições ou às suas personagens políticas, inutilizando-se as notícias de caixa ou as breves notícias.

Deste estudo existe uma divisão por categorias denominadas por:

Categoria da Primeira Página: Refere-se às chamadas existentes na capa de cada jornal e ao seu tema, referentes aos atentados ou às eleições.

Categoria Artigos de Opinião/ Editorial: Todos os artigos de opinião disponíveis nesta secção retirando as cartas ao director e ao Vox Populi. Contabilizar aqueles que se referem aos atentados (e à sua autoria), e aqueles que são relativos às eleições (partidos e opinião sobre partidos ou candidatos).

Categoria Imagem negativa dos artigos de Opinião/ Editorial do PP: Artigos de opinião que acarretem uma tonalidade negativa para o Partido Popular, dirigentes e candidatos.

Categoria Imagem negativa dos artigos de Opinião/ Editorial PSOE: Artigos de opinião que carreguem uma tonalidade negativa para o Partido Socialista Operário Espanhol, dirigentes e candidatos.

Como imagem negativa entenda-se o seguinte exemplo:

"Há jugado sus cartas com oportunismo."

Categoria Imagem positiva dos artigos de Opinião/ Editorial PP: Artigos de opinião que tenham uma tonalidade positiva e favoreçam ao Partido Popular, dirigentes e candidato.

Categoria Imagem positiva dos artigos de Opinião/ Editorial PSOE: Artigos de opinião que tenham uma tonalidade positiva e favoreçam ao Partido Operário Espanhol, dirigentes e candidato.

Considere o seguinte exemplo como imagem positiva:

"…hacia él debería dirigirse el voto útil…"

Categoria Imagem Indiferenciada dos artigos de Opinião/ Editorial PP: Artigos de Opinião que nos deixam dúvidas acerca da imagem que o jornal pretende dar ao Partido Popular assim como aos seus dirigentes e candidato. Não são claramente positivos nem negativos. Deixam dúvidas acerca do juízo de valor que está subjacente.

Categoria Imagem Indiferenciada do PSOE: Artigos de Opinião que nos deixam dúvidas acerca da imagem que o jornal pretende dar ao Partido Socialista Operário Espanhol assim como ao seus candidato e dirigentes do partido. Não são claramente positivos nem negativos. Deixam dúvidas acerca do juízo de valor que está subjacente.

Considere o seguinte exemplo:

"No se podría reprochar al Gobierno que no pudiera evitar unos atentados tan terribles como los cometidos ayer, pero sí se podría dudar del buen juicio demostrado por el ministro del Interior…"

Categoria Atentados: Matérias que se dedicam aos atentados ou o referem mesmo que o seu tema central seja outro. Nesta categoria fazem parte informações acerca da investigação dos atentados, vítimas, familiares e testemunhos dos atentados, como se processaram os primeiros socorros assim como os cuidados hospitalares, as acções imediatas e a solidariedade, as consequências provenientes dos atentados – encerramento de escolas e Universidades, bolsa, tráfico, etc., explicações históricas acerca do terrorismo, manifestações e declarações da UE ou de outros governos, atitude da família real espanhola, entre outros. Esta categoria divide-se nas seguintes subcategorias:

Subcategoria ETA: Matérias que seguem a tese oficial do governo espanhol, no que diz respeito em que ETA seria responsável pelos atentados e toda a informação acerca da ETA (como actuam, antigos atentados, etc.).

Subcategoria Al Qaeda: Matérias que abrem a possibilidade de ter sido Al Qaeda o responsável pelos atentados assim como tudo o que se relacione a este grupo terrorista (história, antigos atentados (nomeadamente o 11 de Setembro), a reivindicação, as investigações, etc.)

Subcategoria ETA e/ou Al Qaeda: Matérias onde se explicita que a autoria do atentado não está ainda bem definida, abrindo a possibilidade de o atentado ter sido cometido por uma das duas organizações ou de uma suposta aliança entre as duas.

Categoria Eleições: Matérias que enfoquem as eleições gerais espanholas: estratégia eleitoral, acções de campanha, resultado de sondagens, temas de substância tais como as propostas dos candidatos para a resolução de problemas, os partidos face aos atentados, etc. Esta categoria divide-se nas seguintes subcategorias:

Subcategoria PP: Matérias que nomeiam o partido ou os dirigentes do Partido Popular, assim como o Governo de Aznar.

Subcategoria PSOE: Matérias que nomeiam o partido e os dirigentes do Partido Socialista Operário Espanhol.

Subcategorias Outros: Matérias que nomeiam outros partidos políticos, como por exemplo a IU (Esquerda Unida).

Subcategoria Mistas: Matérias que enfoquem vários partidos ou dirigentes políticos de diferentes partidos.

Subcategoria Indiferenciados: Matérias cujo tema central são as eleições mas não representam qualquer tipo de político ou partido.

As seguintes categorias, tal como as categorias que concernem à imagem dos artigos de opinião ou editorial, serão as únicas a fazerem-se acompanhar com citações dos artigos cuja finalidade será provar a tonalidade do artigo.

Categoria Imagem negativa do PP: Matérias que de certa forma prejudica o Partido Popular ou o seu candidato e/ou dirigentes. A análise consiste na tonalidade do artigo ou notícia.

Categoria Imagem negativa do PSOE: Matérias que de certa forma prejudica o Partido Socialista Operário Espanhol, o seu candidato e/ou dirigentes. A análise consiste na tonalidade do artigo ou notícia.

Como imagem negativa entenda-se o seguinte exemplo:

"…aparte de estar alimentada por mentiras, fue además inútil, el señor Aznar y su Gobierno…"

Categoria Imagem positiva do PP: Matérias que de certa forma favorece o Partido Popular, candidato ou dirigentes. A análise consiste na tonalidade do artigo ou notícia.

Categoria Imagem positiva do PSOE: Matérias que de certa forma favorece o Partido Socialista Operário Espanhol, candidato ou dirigentes. A análise consiste na tonalidade do artigo ou notícia.

Considere o seguinte exemplo como imagem positiva:

"…hay que reconocerle la transparencia y honestidad…"

Categoria Imagem Indiferenciada do PP: Matérias que nos deixam dúvidas acerca da imagem que o jornal pretende dar ao Partido Popular assim como aos seus dirigentes e candidato. Não são claramente positivos nem negativos. Deixam dúvidas acerca do juízo de valor que está subjacente.

Categoria Imagem Indiferenciada do PSOE: Matérias que nos deixam dúvidas acerca da imagem que o jornal pretende dar ao Partido Socialista Operário Espanhol assim como ao seus candidato e dirigentes do partido. Não são claramente positivos nem negativos. Deixam dúvidas acerca do juízo de valor que está subjacente.

Considere o seguinte exemplo:

"Era maravilloso ver a los dos líderes más populares del PSOE escenificando escenas de amor…"

Categoria Foto-Informação acerca dos atentados: Quantidade de fotografias em todo o jornal sobre os atentados. Aqui divide-se entre as fotos que se enfoquem a ETA; ETA e/ou Al Qaeda, Al Qaeda.

Categoria Foto-Informação acerca das eleições: Fotografias em todo o jornal cujo tema central sejam as eleições e a representação dos políticos, assim como as suas actividades.

Aqui divide-se entre as fotos que retratem o PP; PSOE; Outros (partidos); Mistura (de partidos ou candidatos); Indiferenciados (que retratem as eleições mas não nenhum partido nem candidato).

Todos os dados estarão expostos por dias e em tabelas que se encontram no apêndice desta monografia.

4.2 Jornal El Pais

Com 470.000 exemplares (1 028 000 exemplares ao Domingo), o jornal El Pais apresenta-se como o diário de maior difusão em Espanha. A sua primeira edição datada a 4 de Maio de 1976 surgiu em plena transição democrática de Espanha.

Prezando, naquela época, a defesa das liberdades e apoiando à mudança política e social, El Pais, converteu-se rapidamente em um símbolo da Espanha moderna, classificando-se também como um dos vinte melhores jornais do mundo e sendo um dos mais vendidos pela informação global diária.

Seu dono, o grupo PRISA (Promotora de Informaciones S.A) passou a ser o maior conglomerado mediático espanhol. Possui uma rede de jornais, rádio e TV. Proprietário, entre outros, da emissora de rádio SER, do jornal Cinco Dias, do canal televisivo Cuatro e do Digital plus (Sogecable), de várias empresas na América Latina, accionista do Le Monde e do canal televisivo português TVI.

EL PAIS

El reconocimiento de los partidos políticos, condición esencial para la integración en Europa

Ante la "reforma"

Fig 2. Primeira edição do El Pais

O grupo PRISA, que tem relações íntimas e simpatia pelos socialistas, tem no jornal El Pais o seu maior sucesso. Portanto, a linha editorial do El Pais é opinativa e próxima do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) cujas opiniões são reflexo da sua posição pela esquerda.

El Pais conta com aproximadamente 350.000 leitores diários. É um jornal de referência devido a circunstâncias exclusivas, por ser, o órgão da abertura para a democracia na Espanha, pode-se dizer que a democracia espanhola e El Pais nasceram e cresceram juntos.

Por isso, as suas primeiras edições denominam-no como um diário independente, defensor da democracia e com vocação europeia. Pioneiro na adopção de usos jornalísticos como o Livro de Estilo e o Estatuto de Redacção. Em 1988 Prisa juntamente com a Universidade Autónoma de Madrid criam a Fundación Escuela de Periodismo onde fornecem Mestrados, colóquios, especializações, conferência e simpósios no âmbito do jornalismo e da comunicação.

Com a sua sede principal em Madrid, El Pais, está presente por todo o mundo, contendo delegações em Washington e Bruxelas assim como correspondentes em Londres, Jerusalém, Buenos Aires, Estocolmo, Rabat, etc.

O jornal que está configurado para uma leitura rápida e de informação noticiosa durante a semana e uma leitura mais repousada e de lazer no fim-de-semana conta com nove suplementos.

A edição digital nasceu em Maio de 1996 para a celebração dos 20 anos do diário madrileno. Em http://www.elpais.es/ encontra-se a edição imprensa assim como informação actualizada que decorre durante o dia.

Os prémios Ortega y Gasset, que levam a assinatura do El Pais, surgiram em 1984. Este prémio pretende ressaltar a defesa das liberdades, independência e rigor como virtudes do jornalismo. Destacam os melhores trabalhos jornalísticos (imprensa e fotojornalismo) do ano. [25]

[25] Informações retiradas dos seguintes sites:

http://www.elpais.com/corporativos/elpais/elpais.html

http://www.pariroma.com/Presse/Presse_Espagne.htm

http://www.prisacom.com/prisacom/

4.3 Jornal El Mundo

Com uma tiragem de 366.000 exemplares, o jornal El Mundo del Siglo XXI (mais conhecido por El Mundo) é o segundo diário de Espanha com maior difusão desde 1999, quando celebrava o seu décimo aniversário.

Fundado a 23 de Outubro de 1989, este diário foi realizado num tempo recorde de 49 dias e, passados cinco anos da sua existência, foi considerado como o único projecto jornalístico europeu que tinha garantido o seu êxito. De facto, El Mundo foi, talvez, a última aposta num jornal impresso antes da vinda dos meios digitais.

Dispõe a sua sede em Madrid e várias delegações pelas comunidades de Espanha. Pertencente a um dos grupos mais pujantes de España, Unidad Editorial S.A (UNEDISA), que é pela sua vez dono do grupo Recoletos e proprietário de um 96% do grupo italiano RCS Media Group (que controla o diário italiano de maior difusão, o Corriere della Sera), no que engloba 42 companhias de Imprensa, Rádio, Televisão, Internet e Telecomunicações, El Mundo teve sempre a pretensão pelo modelo de jornalismo de investigação americano ainda que, por vezes, tenha a tendência de privilegiar o sensacionalismo em detrimento da integridade na informação.

A sua nebulosa linha editorial faz com que não saibamos exactamente onde o situar no meio do monopólio político, no entanto, pela sua proximidade ao PP (Partido Popular), poderemos considerá-lo como um jornal de direita. Obteve sua reputação na divulgação e acusando todos os escândalos dos últimos anos do governo de Felipe González, do PSOE (1993-1996). Neste sentido, essas revelações determinaram a consumição do ex-presidente favorecendo a vitória de José María Aznar, do PP.

Portanto, durante o governo de Aznar, manteve o seu apoio e este. No entanto, questionou algumas acções do governo, principalmente aquelas que poderiam favorecer ao grupo PRISA, que desde o mandato de Felipe González se tinha convertido num adversário, e talvez por isso, criticará seriamente a Guerra de Iraque, no que Aznar perderá parte do seu apoio.

La luna de Metrópoli, *Yo Dona* e *Magazine* são alguns dos suplementos deste jornal. Em paralelo à edição imprensa encontra-se a edição on-line, (**http://www.el-mundo.es/**), fecundado em Maio de 1995, elmundo.es foi pioneiro na utilização do suporte digital e mantém os seu cerca de 10 milhões de visitantes, tornando-se assim no site de maior difusão em Espanha.

Seus conteúdos são independentes, ainda que, de forma mais ou menos pontual, os textos fabricados para a Internet também surgem nas páginas do jornal impresso e vice-versa. Encontramos também a versão impressa em pdf. Dispõe do seu próprio departamento gráfico e vídeo na elaboração de conteúdos específicos.

Fig 3. Um exemplar do El Mundo

Em 1997, UNEDISA decide criar uma produtora audiovisual, El Mundo TV. Em 1998 constitui legalmente "Canal Mundo Producciones Audiovisuales" e no ano seguinte expõe as primeiras produções.

Por muitos anos, El Mundo ganhou prémios da SND (The Society of Newspaper Design) pela inovação gráfica e original do jornal. [26]

[26] Informação retirada dos seguintes sites:

http://www.rcsmediagroup.it/wps/portal/mg/aboutus?language=en

http://elmundotv.elmundo.es/elmundotv/empresa.html

http://www.courrierinternational.com/planetepresse/planeteP_notule.asp?not_id=4063

http://www.elmundo.es/papel/2006/10/24/comunicacion/2041586.html

5.2 Descrição dos Resultados

Segue-se um pequeno sumário dos resultados obtidos pelas tabelas que estão disponíveis no apêndice desta monografia.

Análise do dia 11 de Março de 2004:

Tabela 1.

Consta-se que tanto os jornais El Pais como El Mundo, na sua edição normal do dia, não nomeiam nenhuma chamada acerca dos atentados, devido à hora do fecho da edição, no entanto os dois nomeiam as eleições. O El Mundo dedica mais chamadas às eleições do que o El Pais.

Porém, os dois jornais contam como uma edição especial no qual toda a capa, nos dois jornais, é dedicada exclusivamente aos atentados.

Tabela 2.

Os artigos de opinião e editorial dos jornais, na edição normal, são dedicados às eleições (maior parte no jornal El Pais visto que dedicou metade dos seus artigos às eleições enquanto que o El Mundo publica um número menor de artigos de opinião cujo tema seja as eleições), inexistência de artigos de opinião ou editorial, nas edições normais dos jornais, cujo tema seja os atentados.

Nas edições especiais dos jornais, El Mundo publica apenas o editorial referente aos atentados assim como às eleições. El Pais, contando com três artigos de opinião, dedica um para as eleições e outro para os atentados.

Tabela 3.

Desses artigos de Opinião/ Editorial apenas El Pais possui um cuja tonalidade é negativa para o Partido Popular, presente na edição normal de este. As edições especiais dos dois jornais assim como a edição normal do El Mundo não publicam nenhum artigo de opinião de carácter pejorativo para o Partido Popular.

Tabela 4.

Nenhum dos jornais, assim como as suas edições especiais, publicam artigos de opinião com tonalidade positiva para o Partido Popular.

Tabela 5.

Apenas o jornal El Pais, edição normal e extra, possui um artigo de opinião (o mesmo), com uma tonalidade negativa para o Partido Popular.

Tabela 6.

Apenas o jornal El Mundo, edição normal e extra, publica dois artigos com tonalidade negativa para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 7.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião cuja sua tonalidade seja positiva para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 8.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião cuja sua tonalidade seja indiferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 9.

Nenhum jornal, na sua edição normal, publica algum artigo referente aos atentados. Já no que diz respeito às edições extra, o El Pais ocupa 81,5% dos artigos analisados na cobertura dos atentados, 18,5% desses artigos são-lhes atribuído à autoria de ETA. El Mundo, na sua edição extra, ocupa um 29,2% na cobertura dos atentados atribuindo um 16,7% a autoria a ETA. Nenhum dos jornais fala de uma outra linha de investigação, no que diz respeito à autoria dos atentados.

Tabela 10.

No que concerne à cobertura das eleições, El Mundo publica os mesmos artigos na edição normal e na edição extra, tratando-se de um 100% na primeira (referentes aos artigos analisados) e a um 70,8% na segunda. El Pais conta com 18,5% na cobertura das eleições na sua edição extra e 100% na edição normal, percentagens sempre referente a artigos analisados.

Tabela 11.

Apenas El Pais (edição normal), desses artigos analisados, publica quatro artigos com tonalidade negativa para o partido popular.

Tabela 12.

Nenhum dos jornais divulga artigos cuja tonalidade seja positiva para o Partido Popular.

Tabela 13.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade diferenciada para o Partido Popular.

Tabela 14.

Nenhum dos jornais publica artigos cuja tonalidade seja negativa para o Partidos Socialista Operário Espanhol.

Tabela 15.

Nenhum dos jornais divulga artigos de tonalidade positiva para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 16.

Nenhum dos jornais divulga artigos de tonalidade diferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 17.

De todas as fotografias no jornal, El Pais, edição normal, publica 37% referentes às eleições e 4,5% na sua edição extra. El Mundo publica 9,8% das suas fotos na cobertura das eleições na sua edição normal e 11,11% na sua edição extra.

Tabela 18.

Apenas as edições extras publicam fotografias acerca dos atentados. El Pais com um 95,5% e o jornal El Mundo com 11,11%. Percentagens referentes a todas as fotografias publicadas em cada jornal.

Análise do dia 12 de Março de 2004:

Tabela 19.

Nenhum dos jornais têm na sua capa alguma chamada às eleições, no entanto os dois têm como tema principal de capa os atentados. El Pais dedica duas chamadas de três aos atentados e o El Mundo dedica todas as suas chamadas aos atentados.

Tabela 20.

Dos artigos de opinião/ editorial, El Pais publica de cinco artigos, 2,5 acerca dos atentados e 0,5 às eleições. Nos artigos de opinião referentes aos atentados atribui dois desses artigos à autoria ETA e 0,5 a ETA e/ou Al Qaeda. El Mundo reparte os seus artigos de opinião entre as eleições e os atentados, no qual atribui um 0,5 desses artigos autoria ETA e/ou Al Qaeda.

Tabela 21.

Desses artigos de opinião, apenas o El Pais publica um artigo de imagem negativa para o Partido Popular.

Tabela 22.

Nenhum dos jornais publica, na sua área de opinião, algum artigo de cariz positivo para o Partido Popular.

Tabela 23.

Apenas El Mundo publica um artigo de tonalidade indiferenciada para o Partido Popular.

Tabela 24.

Nenhum dos jornais publica algum artigo de opinião de cariz negativo para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 25.

Nenhum dos jornais divulga artigos de opinião cuja imagem seja positiva para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 26.

Nenhum dos jornais publica algum artigo de cariz indiferenciado para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 27.

Dos artigos analisados, El Pais publica 89,8% na cobertura dos atentados. Atribui a ETA em 9,7%. El Mundo publica 85,5% na cobertura dos atentados e um 7,3% na autoria ETA e/ou Al Qaeda.

Tabela 28.

No que diz respeito à cobertura acerca das eleições, El Pais destina uns 10,2% enquanto que El Mundo 14,5%.

Tabela 29.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade negativa para o Partido Popular.

Tabela 30.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade positiva para o Partido Popular.

Tabela 31.

Apenas El Mundo publica um artigo cuja tonalidade é indiferenciada para o Partido Popular.

Tabela 32.

Nenhum dos jornais divulga artigos de imagem negativa para o partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 33.

Nenhum dos jornais divulga artigos cuja tonalidade seja positiva para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 34.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade indiferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 35.

De todas as fotografias publicadas, El Pais divulga um 56,1% às eleições enquanto que El Mundo 65,7%.

Tabela 36.

No que se refere aos atentados, El Pais publica um 8,5% de fotos acerca dos atentados e o El Mundo 4,9%.

Análise do dia 13 de Março de 2004:

Tabela 37.

Ambos os jornais destinam as chamadas na capa para a cobertura dos atentados.

Tabela 38.

De cinco artigos de opinião e editorial, El Pais emprega quatro na cobertura dos atentados, dois desses artigos são atribuídos a ETA e/ou Al Qaeda como autores dos atentados. El Mundo reparte os seus artigos de opinião na cobertura das eleições e atentados, dando privilégio à cobertura dos atentados (sete sobre os atentados de três sobre as eleições), confere num artigo a autoria a ETA.

Tabela 39.

Nenhum dos jornais atribui uma imagem negativa ao Partido Popular nos seus artigos de opinião.

Tabela 40.

Apenas o jornal El Mundo publica um artigo de cariz positivo para o Partido Popular.

Tabela 41.

Apenas El Mundo divulga dois artigos de opinião cuja tonalidade é indiferenciada para o Partido Popular.

Tabela 42.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião de cariz negativo para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 43.

Nenhum dos artigos de opinião atribui uma tonalidade positiva ao Partido Socialista Operário espanhol.

Tabela 44.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião cuja tonalidade seja indiferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 45.

Dos artigos analisados, El Pais empenha um 82,6% na cobertura dos atentados, cujo 7,2% atribui a autoria a Al Qaeda. El Mundo publica 86,2% na cobertura dos atentados e um 10,8% à autoria Al Qaeda.

Tabela 46.

No que concerne à cobertura das eleições, El Pais publica um 17,4%, cujos 7,3% dedicados ao Partido Popular. El Mundo publica 13,8% às eleições e um 7,7% ao Partido Popular.

Tabela 47.

El Pais publica dois artigos de cariz negativo para o Partido Popular e o jornal El Mundo um artigo.

Tabela 48.

Nenhum dos jornais divulga artigos de cariz positivo para o Partido Popular.

Tabela 49.

El Pais publica um artigo de tonalidade indiferenciada para o Partido Popular.

Tabela 50.

Nenhum dos jornais publica artigos cuja tonalidade seja negativa para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 51.

Nenhum dos jornais divulga artigos de cariz positivo para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 52.

Nenhum dos jornais publica artigos de imagem indiferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 53.

De todas as fotos publicadas, El Pais dedica um 43,5% na cobertura dos atentados enquanto que o jornal El Mundo uns 35,7%.

Tabela 54.

De todas as fotos publicadas, El Pais dedica uns 3,05% na cobertura das eleições e o El Mundo 4,2%.

Análise do dia 14 de Março de 2004:

Tabela 55.

No dia das eleições, os jornais dividem o tema central das suas capas nos atentados e nas eleições. El Pais atribui um chamada às eleições e duas aos atentados enquanto que o El Mundo atribui três chamadas aos atentados e duas às eleições.

Tabela 56.

No que se concerne aos artigos de opinião e editorial, o jornal El Pais atribui um artigo às eleições e quatro aos atentados enquanto que o El Mundo dá relevância às eleições com quatro artigos de opinião e dois na cobertura dos atentados.

Tabela 57.

El Pais publica dois artigos de opinião de cariz negativa para o Partido Popular e El Mundo publica um.

Tabela 58.

Apenas o jornal El Mundo publica um artigo de opinião cuja tonalidade é positiva para o Partido Popular.

Tabela 59.

Nenhum dos jornais divulga artigos de opinião de tonalidade indiferenciada para o Partido Popular.

Tabela 60.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião de cariz negativo para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 61.

Nenhum dos jornais publica artigos de opinião de cariz positivo para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 62.

Nenhum dos artigos divulga artigos de opinião cuja tonalidade seja indiferenciada para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 63.

Dos artigos analisados, El Pais empenha um 73,8% na cobertura dos atentados, cujos 4,8% atribui a autoria a AL Qaeda. El Mundo publica 80,8% na cobertura dos atentados e um 9,6% na autoria Al Qaeda.

Tabela 64.

No que diz respeito à cobertura acerca das eleições, o jornal El Pais atribui 26,2% às eleições e um 9,5% em indiferenciados. El Mundo divulga um 19,2% cujos 9,6% também são para a subcategoria indiferenciados, ou seja, não enfocam nenhum partido em concreto mas sim nas eleições em geral.

Tabela 65.

El Pais atribui um artigo de cariz negativo ao Partido Popular.

Tabela 66.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade positiva para o Partido Popular.

Tabela 67.

O jornal El Pais publica um artigo de cariz indiferenciado ao Partido Popular.

Tabela 68.

Nenhum dos jornais publica, nos artigos analisados, algum de tonalidade negativa para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 69.

Nenhum dos jornais publica artigos de tonalidade positiva para o Partido Socialista Operário Espanhol.

Tabela 70.

Nenhum dos jornais divulga artigos de imagem indiferenciada para o Partido Socialista Operário espanhol.

Tabela 71.

De todos as fotos publicadas no jornal, El pais destina 43,5% na cobertura aos atentado e El Mundo 35,7%.

Tabela 72.

Relativamente as fotos publicadas no jornal acerca das eleições, El Pais divulga um 3,07% enquanto que o jornal El Mundo publica um 4,2% na cobertura das eleições.

5.3 Discussão dos Resultados

"Pode-se enganar algumas pessoas todo o tempo; pode-se enganar todas pessoas algum tempo; mas não se pode enganar todas as pessoas todo o tempo." Abraham Lincoln

Nos dias 11 a 14 de Março de 2004 a imprensa espanhola viveu num autêntico carrossel de informações. Momentos de agitação e pressão fizeram-se sentir nas redacções. Na análise que fiz aos dois jornais espanhóis nota-se essa pressão nas informações divulgadas. Dando por suposto que um dos jornais (El Pais) é da esquerda e simpatizante do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e que por sua vez o outro jornal (El Mundo) faz parte da direita e apoia o Partido Popular (PP), vamos verificar em que sentido um jornal e outro seguem os seus princípios e a imparcialidade informativa.

No dia 11 de Março, nas suas edições normais, onde os jornais não fazem cobertura aos atentados devido à hora de fecho, (por isso depois ambos lançam uma edição extra) existe uma cobertura mais centralizada nas eleições, afinal faltam só 72 horas para os cidadãos irem às urnas. Nota-se a inclinação de cada jornal para determinado partido. Enquanto que El Pais divulga artigos de carácter pejorativo para o Partido Popular, El Mundo não se fica atrás e também "ataca" ao seu "inimigo", o PSOE.

Ambos os jornais publicam uma entrevista ao líder do PSOE, Zapatero, mas com uma pequena diferença. Enquanto que El Pais publica uma entrevista de quatro páginas, El Mundo dedica-lhe apenas duas páginas.

Num artigo de Opinião do jornal El Mundo do dia 11 de Março, apesar do artigo se enfocar nas eleições em geral e nos vários partidos, termina com uma certa tendência. O artigo em questão titula-se como "Estabilidad oculta" na pág.5 e dá por certo que seja o PP que ganhe as eleições, note-se na seguinte citação: "Doy la bienvenida a Rajoy porque tiene que cimentar muchas cosas en España, y las cosas de comer no nos las podemos jugar con ZP, y sobre todo con sus amigos, sus falsos correligionarios y los que quieren gobernar con él."

Nas edições extra a cobertura que diz respeito às eleições são repetidas, ou seja, as mesmas que publicadas na edição normal de ambos os jornais. El Pais dá mais relevância do que El Mundo na cobertura dos atentados, ocupando um 81,5% dos artigos analisados neste tema enquanto que El Mundo dispões de um 29,2%. Ambos atribuem autoria a ETA.

Na manchete da edição extra do El Pais pode-se ler "La Matanza de ETA en Madrid", segundo o director do jornal, divulgado num artigo no próprio jornal no dia 14 de Março na pág. 13 titulado como "Informar en médio de la confusión", o facto de ter optado por colocar ETA na capa da edição extra do dia 11 deve-se a uma chamada que o Presidente Aznar fez ao director a afirmar que era um atentado cometido pelo grupo terrorista ETA. Sendo uma fonte oficial e portanto credível optou acrescentar ETA naquele titulo de que tanto se iria falar.

No dia 12 de Março a posição dos jornais modifica ligeiramente, El Pais continua com os seus artigos de tonalidade depreciativa para o PP e ainda que não haja artigos claros em toda a sua dimensão, existe sempre artigos que invocam uma imagem negativa para o partido. Por exemplo, na pág. 43 no artigo titulado "Los partidos suspenden la campaña electoral y el Gobierno convoca hoy una manifestación" podemos ler "..el Gobierno anuncia a la última hora la posibilidad de que la autoría sea del Terrorismo islámico, tras mantener todo el día que era ETA." O que transmite uma certa incompetência por parte do governo.

El Mundo, por sua vez, coloca-se numa posição mais resguardada dando apenas, de uma forma mais subtil, algumas opiniões acerca do Governo. Ambos os jornais fazem uma cobertura exaustiva sobre os atentados (89,8% - El Pais e 85,5% - El Mundo). Quanto a autoria dos atentados ambos os jornais estão confusos e nomeiam, na maioria dos artigos, autoria ETA e/ou Al Qaeda.

No dia fulcral para a mudança da opinião pública também os jornais têm um papel fundamental. El Mundo abre-se mais em relação à sua opinião perante o Partido Popular. Nomeadamente os artigos de opinião são mais agressivos e dirigidos ao PP. No entanto, num dos artigos de opinião, El Mundo "pede o voto" para Mariano Rajoy. E noutros artigos tenta minimizar os ataques ao PP com citações do género "todo el ángel es terrible", na pág.3. Constata-se que El Mundo fala mais do PP e ao longo do jornal publica também artigos de

tonalidade negativa para o partido da direita. El Mundo, no dia pelo qual se designa como "dia da reflexão", publica uma entrevista ao líder do PP Mariano Rajoy de duas páginas.

Já o jornal El Pais segue com a sua linha de ataque, porém com mais serenidade mas sempre com carácter negativo para o PP. Existem vários artigos que informam, embora de forma indirecta visto que é apenas relatos de acontecimentos e não de opinião do jornalista, que o Governo manipula ou oculta informação. Por exemplo na cobertura da manifestação do dia anterior convocada pelo Governo.

Ambos os jornais continuam, a um dia das eleições, a darem privilégio na cobertura dos atentados, com 82,6% El Pais e 86,2% El Mundo. No que concerne a autoria dos atentados, ETA vai perdendo força e ambos os jornais optam por autoria Al Qaeda.

Estamos em dia de eleições e para ambos os jornais não há dúvida sobre a autoria dos atentados. Ambos dão relevância na pista Al Qaeda. A cobertura pelas eleições ganha espaço ainda que são os atentados quem integram a maior parte do espaço ocupado pelos artigos analisados, um 73,8% no jornal El Pais e 80,8% El Mundo. Ambos os jornais têm artigos de tonalidade negativa para o PP, embora El Pais ganhe nesta corrida. El Mundo ainda publica, na sua secção de opinião, um artigo de imagem positiva para o PP. Ambos os jornais dividem os seus artigos pelos dois partidos principais, embora El Mundo dê preferência ao PP.

El Mundo justifica-se, nesta edição de 14 de Março, num artigo de opinião, a sua decisão por ter publicado, na edição anterior, uma entrevista a Mariano Rajoy sendo dia de reflexão, apenas o publicou porque fazia parte da agenda, ia ser publicada dia 12 mas devido às circunstancias fizeram-no agora com imparcialidade na opção e na preferência de partido.

El Mundo num artigo na pág. 30 refere que "hasta jueves todo parecía indicar que el PP ganaría las elecciones y la única duda estaba en si lograba los 176 escaños de la mayoría absoluta o si tendría que gobernar con apoyo solo de Colición Canaria o con respaldo de otro partido, como CiU".

Nota-se nos jornais, durante esses quatro dias, uma alteração nas personagens do enredo e nas informações vinculadas inicialmente. Por uma parte, da autoria do atentado, em que ambos

noticiavam e responsabilizavam a ETA pelos ataques e gradualmente uma transposição desta autoria para Al Qaeda, passando pela categoria ETA e/ou Al Qaeda que só demonstra a confusão por parte dos jornais em culpabilizar a algum grupo terroristas pelos atentados do dia 11. Por outra parte, no papel do Governo, que de eficaz passou a ser manipulador.

El Pais repete muito os termos "matanza" e "carnicería", termos com uma enorme carga emocional enquanto que El Mundo repete o termo "masacre", talvez para não chocar tanto o leitor e consecutivamente não transportar uma imagem tão negativa dos atentados.

Também é notório a preferência de cada jornal e a sua tendência por cada partido, apesar de El Mundo disfarçar melhor o seu gosto e por sua vez também atacar o partido pelo qual está ligado, o Partido Popular.

É de salientar a linguagem agressiva e directa que os jornais têm em denunciar e em exprimirem as suas opiniões, tanto nos editoriais como nalguns artigos. [27]

Embora se verifique a tendência de cada jornal não podemos afirmar que, como alguns meios da esquerda, El Pais tenha dado informações falsas, assim como, El Mundo tenha omitido alguma informação como o fizeram alguns meios da direita. É certo que ambos tiveram o seu contributo para os resultados nas votações.

No Domingo, 14 de Março de 2004, três dias após os atentados em Madrid, José Luis Rodriguez Zapatero, líder socialista, ganha com facilidade as eleições espanholas, com um resultado incontestável: exactamente cinco pontos à frente do seu adversário, Mariano Rajoy, líder do Partido Popular. Uma vitória surpresa dirigida em apenas 72 horas. O drama de Atocha ocorreu para isso..

[27] Fenómeno este que, e numa observação empírica sem bases cientificas que o provem, não o encontramos nos jornais portugueses.

Conclusão

Tal como foi referido, o trabalho monográfico elaborado tinha como objectivos aprofundar os atentados do 11 de Março em Madrid e as suas consequências, assim como alguns conceitos essenciais para a compreensão de tudo o que aconteceu naqueles quatro dias.

Entenderam-se mecanismos de manipulação e influência por parte dos meios de comunicação social assim como a compreensão do terrorismo e a sua ligação com os media. Aprofundou-se o conceito de acontecimento mediatizado visto que após os atentados foram as conferências de imprensa que informaram a opinião pública.

Analisou-se os fenómenos ocorridos durante aqueles quatro dias e a reacção na sociedade espanhola. Chega-se à conclusão que o povo espanhol respondeu a qualquer tipo de manipulação com o seu voto e Aznar sabia que os espanhóis iam fazer-lhe pagar a decisão que tinha tomado a alguns meses, pouco lhes ia importar os extraordinários resultados económicos, de diminuição do desemprego ou a estabilidade institucional.

A análise dos jornais veio a comprovar que não cumprem 100% com a imparcialidade jornalística visto que cada um tentou favorecer ou dinamizar as consequências para o seu partido de eleição.

Numa forma de complementar os resultados obtidos através do meu estudo e de entender o panorama mediático nos dias antecedentes às eleições, remeto-me à cobertura de outros meios de comunicação espanhóis.

Quando se fala na cobertura mediática dos atentados do 11 de Março é inevitável salientar a existência de uma dupla manipulação. Por um lado, descobrem-se redacções politicamente inclinadas para a direita, como a TVE (televisão do estado), a agência de notícias EFE, ou a emissora de rádio COPE, que pela sua tendência tendem a confiar no Governo e não duvidam na hora de ocultar informações capazes de prejudicar-lhes.

Por outro lado, um grupo de imprensa extremamente forte, situado na esquerda, PRISA, que atacava abertamente o poder dando como informações boas informações falsas, com o

objectivo de levar a opinião pública a inclinar-se no sentido que sugerem: Aznar mente e temos que mudar a equipa eleitoral neste domingo.

Os meios de direita manipulam por omissão: a TVE entre algumas lacunas não emite as declarações de Otegui, assim como na manifestação convocada pelo Governo no dia 12 de Março, a câmara filma e dirige-se apenas aos cartazes que se acusa ETA e não aqueles em que se questiona a autoria de ETA. TVE não refere também a chamada que o grupo terrorista ETA faz ao diário Basco Gara na medida em que os atentados de Madrid não levam a assinatura ETA. A noite de 12 de Março (não fazendo parte da programação da televisão nacional), TVE transmite um documentário "Asesinatos en Octubre", tratando-se de um documentário dos atentados de ETA. Dia 13 na conferência de imprensa de Àngel Acebes, a TVE corta a emissão antes que os jornalistas coloquem as perguntas. A televisão nacional espanhola não transmite a manifestação convocada através de SMS em frente a sede do PP.

A agência EFE que disponibiliza as suas informações a qualquer meio nacional ou estrangeiro segue apenas as informações dadas por fontes oficiais.

Os meios de esquerda manipulam modificando os factos. Por exemplo a emissora de rádio SER, no dia 12 de Março, deu a informação da existência de um terrorista suicida, afirmando que quem lhe disponibilizou essa informação foram três fontes distintas da luta contra o terrorismo. Descreve que este suicida tinha três mudas de roupa. Acrescenta que a CNI (Centro Nacional de Inteligência) trabalha 99% na opção islamista.

É pertinente salientar, que se tal ocorresse em Portugal, provavelmente não assistiríamos a estas tendências políticas de cada meio de comunicação, até porque é difícil detectarmos o posicionamento político de cada jornal português, enquanto que nos jornais espanhóis há uma linguagem aberta e clara para esse posicionamento, e porque o jornalismo português ainda está dominado pela noção de isenção e de objectividade.

Em termos gerais, os objectivos inicialmente propostos para a elaboração deste trabalho foram alcançados com sucesso. O conhecimento acerca do tema foi incrementado e todos os pontos de análise nunca deixados ao acaso.

Bibliografia

Águila, R. (2005). 11M - Un año después – ideales, moralidade y juício, *Claves – De Razón Práctica,* 150, Março, pp. 14-25

Alsina, M. (1996). *La construcción de la noticia. Barcelona*. Ediciones Paidós Ibérica,S.A,

Artal, R. M. (2004). *11M-14M, Onda Expansiva*. Madrid. Editorial Espejo de Tinta.

Bellenger, L. (2000). Du bon usage des médias. Issy-les-Moulineaux. Collection Stratégies

Breton, P. (2001). *A palavra manipulada*. Lisboa. Editora Caminho.

Casimiro, G. A (2004). *11- M La vengaza*. Madrid. La esfera de los libros, S.A

Chalvidant, J. (2004). *11M: La manipilación*. Madrid. Editorial Jaguar, S.A

Chazel, F. (1972). *La communication politique dans les societies industrielles*. Paris. Mounton.

Cotteret, J.M. (1977). *La comunicación politica*. Buenos Aires. El Ateneo.

Cué, C. E. (2007). *¡Pásalo! Los cuatro días de marzo que cambiaron el país.*Madrid. Ediciones Península.

Dader, J.L. (1983). *Periodismo y Pseudocommunicacion politica*. Pamplona. Eunsa.

Dayan, D. (2005). *Le terreur spectacle: terrorisme et télévision*. Paris. De boeck.

Elorza, A. e Nestares, F. (2004). *El nuevo terrorismo islamista: del 11-S al 11-M.* Madrid. Temas de hoy.

Fernandéz del Moral, J. (1983). *Proyecto Docente*. Madrid. Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutuense de Madrid.

Fontcuberta, M. (1999). *A Notícia. Pistas para compreender o mundo*. Lisboa. Editorial Notícias.

Gomis, L. (1974). *El médio media. La función politica de la prensa*. Madrid. Edicones S.A.

Gomis, L. (1997). *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. Barcelona. Paidós.

Grande Enciclopédia Universal. (2004). volume 19. Lisboa.Durclub, S.A

Klapper, J.T. (1974). *Efectos de las comunicaciones de masas*. Madrid. Aguilar

Lussato, B. (1991). *Informação, Comunicação e sistemas*. Lisboa. Dinalivros.

Moragas, M. (1985). *Sociología de la comunicación de masas*. Barcelona. Gustavo Gili.

Nery, I. (2004). Politica e Jornais, *Encontros Mediáticos*. Oeiras. Celta Editora.

Orive, P. e Fagoaga, C. (1974). *La especialización en el Periodismo.* Madrid. Editorial Dossat, S.A.

Orive, P. (1977). *Estructura de la información periodistica.I*. Madrid. Pirámide.

Patterson, T.(2006). Os media como actores políticos. *In: Media, Jornalismo e Democracia – Comunicações apresentadas ao Seminário Internacional organizado pelo Centro de Investigação Media e Jornalismo*. Lisboa. Livros Horizonte.

Peñas, I. e Montero, J. (2005). Los mecanismos del cambio electoral del 11-M al 14-M, *Claves – De Razón Práctica*, 149, Janeiro-Febreiro, pp. 36-45

Pino, L. (2006). *Los enigmas del 11M: ¿conspiración o negligencia?*Madrid. Editorial Libroslibres.

Quesada Pérez, M. (1998). *Periodismo Especializado*. Madrid. Ediciones Internacionales universitárias.

Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos media*. Porto. Porto Editora.

Saperas, E. (1993). *Os efeitos cognitivos da comunicação de massa*. Lisboa. Asa.

Seabra, R. e Sousa, V. (2006). *Jornalismo Politico, Teoria, História e Técnicas*. Rio de Janeiro. Record Ltda.

Serrano, E. (2006). *Para compreender o jornalismo*. Coimbra. Minerva.

Simões, M.J. (2004). Terrorismo(s) e usos das Tecnologias da Informação e da Comunicação. *In: Terrorismo.* Coimbra. Almedina.

Sousa, J.P. (2000). *As noticias e os seus efeitos*. Coimbra. Minerva.

Sousa, J.P (2003). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Traquina, N. (2000). *O poder do Jornalismo – Análise e Textos da teoria do agendamento*. Coimbra. Minerva.

Túñez, M. (1999). *Producir Noticias, Cómo se fabrica la realidad periodística*. Santiago de Compostela. Tórculo Edicións.

Woodrow, A. (1996). *Informação, manipulação – Tradução, notas, prefácio, anexos, recolha de depoimentos e adaptação de José Manuel Barata-Feyo*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Zengotita, T. (2006). *Mediatizados. Como os média moldam o nosso mundo e o modo como vivemos.* Lisboa. Editorial Bizâncio.

Webliografia

Abiahy, A. (2000). O Jornalismo Especializado na Sociedade da Informação. [Em linha]. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahy-ana-jornalismo-especializado.pdf [Consultado em 20/11/2007].

Abrantes, J. (2006). Nem tudo o que se passa nos media. [Em linha]. Disponível em http://dn.sapo.pt/2006/12/12/opiniao/nem_tudo_o_se_passa_passa_media.html [Consultado em 25/10/2007].

Calvo, E. (2005). La pasión papista como acontecimiento Mediático. [Em Linha]. Disponível em http://www.almendron.com/politica/pdf/2005/int/int_1046.pdf. [Consultado em 03/02/2008].

Dixon, A. (2000). Reportagem no telejornalismo brasileiro contemporâneo: uma comunicação espetacular? [Em Linha]. Disponível em http://www.pucrs.br/famecos/pos/download/aut_ana_paula_dixon.pdf [Consultado em 03/02/2008].

Ferreira, G. (2003). Uma leitura dos estudos dos efeitos: da Era das certezas às incertezas e mistérios da recepção. [Em linha]. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17295/1/R0868-1.pdf. [Consultado em 29/01/2008]

García, M. e Aguilar, A. Terrorismo Espectacular: Estructura en Red y Representación de la Violencia. [Em linha]. Disponível em http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n39/gomezmart.html. [Consultado em 25/10/2007]

Guerrero, R. Cómo se planifica un atentado terrorista. [Em linha]. Disponível em http:/www.monografias.com/trabajos40/planificacion-atentado/planificacion-atentado2.shtml?monosearch [Consultado em 04/02/2008]

Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Comunicação Social. [Em linha]. Disponível em http://www.escs.ipl.pt/index.php?conteudo=editorial&id=554. [Consultado em 25/10/2007].

López, D. e Hernández, K. e Duboue, Y. Comunicación masiva. [Em linha]. Disponível em http://www.monografias.com/trabajos19/comunicacion-masiva/comunicacion-masiva.shtml. [Consultado em 29/01/2008]

Miguel, L. (2001). Influência e resistência em busca de um modelo complexo da relação mídia/política. [Em Linha]. Disponível em www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/LuisFelipe2001.pdf. [Consultado em 03/02/2008].

Moreira, D. (2004). 11 De Setembro de 2001: Construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos. [Em linha]. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/moreira-deodoro-11-setembro.html [Consultado em 03/02/2008].

Porto, M.(2003). A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia. [Em linha]. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/4342/1/NP1PORTO.pdf. [Consultado em 29/01/2008]

Romero, J.M. e Ordaz, P. (2007). El manual para negarlo todo. [Em linha]. Disponível em http://www.elpais.com/articulo/espana/manual/negarlo/todo/elpepuesp/20070218elpepinac_1/Tes [Consultado em 18/03/2008]

Sarmento, A. (2006). Media são oxigénio para o terrorismo. [Em linha]. Disponível em http://jn.sapo.pt/2006/12/09/televisao/media_oxigenio_para_terrorismo_dayan.html [Consultado em 25/10/2007].

Sousa, J. (2005). Terrorismo e media. [Em linha]. Disponível em http://jn.sapo.pt/2005/07/09/opiniao/terrorismo_e_media.html [Consultado em 15/03/2008]

Tavares, C. (2005). Análise do Discurso dos Media. [Em linha]. Disponível em http://eduspaces.net/elsamg/files/2167/16034/portfolio_admI.doc [Consultado em 20/03/2008]

Teixeira, N. (2004). O Terrorismo pós moderno. [Em linha]. Disponível em http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=9&ida=50 [Consultado em 18/03/2008]

Weimann, G. (2007). Teatro da mídia de massa. [Em linha]. Disponível em http://usinfo.state.gov/journals/itps/0507/ijpp/weimann.htm [Consultado em 18/03/2008]